

# trocados

n.1 2012



J.G. Ballard / Villiers de L'Isle-Adam / Ray Bradbury  
Marcel Schwob / John Francis Campbell / Peter Bichsel  
Bernard Malamud / Barry Pain / Paul Morand  
Lafcadio Hearn

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# **Revista Trocados**

**n.1 2012**

## Termos de Uso

A Revista Trocados é publicada sob uma licença *Creative Commons* Internacional 3.0 — permitindo seu compartilhamento com atribuição, sem usos comerciais e obras derivadas.

Os contos e ensaios disponibilizados na revista são publicados em concordância com a Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98. Não publicamos obras integrais, somente trechos em forma de contos e ensaios para fins de leitura. O acesso à revista é livre e totalmente gratuito, assim como o compartilhamento dos arquivos digitais em formatos PDF, EPUB, MOBI.

Acatamos as seguintes disposições:

Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98

### Capítulo IV

#### Das Limitações aos Direitos Autorais

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

II - a reprodução, em um só exemplar de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este, sem intuito de lucro;

VIII - a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm)

**ISSN 2316-2740**



*“Contos são os trocados no tesouro público da ficção, facilmente ignorados em meio às fortunas dos romances — moeda sobrevalorizada que não raro se revela falsificada. Em sua melhor forma, em Borges, Ray Bradbury e Edgar Allan Poe, o conto é cunhado de metais preciosos, um fulgor dourado que brilhará para sempre no bolso profundo da sua imaginação.”*

**J.G. Ballard**

The Complete Short Stories

## EDITORIAL



O conto, como a epopeia e o provérbio, é uma das formas mais antigas da literatura, e talvez a mais universal. Enquanto que a epopeia era privilégio dos poetas e rapsodos, eleitos dos deuses, e o provérbio uma prerrogativa dos sábios, o conto era a forma mais acessível a qualquer pobre tolo que tivesse um mínimo de vocabulário, imaginação e experiência. Desde as fábulas, os contos de fadas e as novelas abreviadas, até as miniaturas narrativas intrincadas dos ficcionistas dos últimos séculos, o conto é uma forma literária resistente e simples, subsistindo com pouco, ao contrário do romance, esse novo-rico entre os gêneros.

Sendo um nicho editorial muito pouco explorado, traduzir contos por conta própria é um modo modesto e inofensivo de iniciar-se como tradutor sem ter que responder às editoras ou ao mercado. Mas um conto solto e solitário é insubstancial, mesmo quando publicado em blogs ou compartilhado com amigos. Foi com isso em mente que decidimos criar essa modesta publicação, sem quaisquer pretensões que não a de compartilhar com quem tiver interesse os bons contos dos bons autores, especialmente de autores pouco lidos.

Como um projeto *pro bono*, não esperamos nada em troca. A intenção por trás dos nossos esforços foi precisamente oferecer de graça algumas migalhas de literatura para quem tivesse necessidade, uma espécie de caridade literária, esmolas para os que têm fome e sede de espírito, por assim dizer. Não por acaso, o título foi escolhido com isso em mente, e a citação de J.G. Ballard, lembrada propiciamente, fechou a questão: trocados. Pois afinal, o que é a tradução senão uma troca, uma transação?

Decidimos que a primeira edição seria composta exclusivamente de contos, mas a próxima incluirá também ensaios. Esta é uma publicação exclusivamente de prosa.

Alguns colaboradores desta primeira edição são tradutores profissionais e acadêmicos de estudos da tradução; outros são estudantes e diletantes que se arriscaram a traduzir, e fizeram um trabalho tão válido e bem-feito quanto qualquer outro. Esperamos que nosso trabalho agrade a quem ler, e, se não agradar, que nos deem uma boa crítica em troca.

Florianópolis, 8 de agosto de 2012

**Richard Costa**

**EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO**

Richard Costa

**DESIGN E ORGANIZAÇÃO**

César Ganimi Machado

**REVISÃO**

Tiago Kroich

**TRADUTORES**

Alexandre Soares Silva

Ananda Pieratti Pamplona

César Ganimi Machado

Evelyn Petersen

Gustavo Lopes

Marcio de Paula Stockler Hack

Mariana Barros

Marina Lindner

Richard Costa

Rodrigo de Lemos

# **Sumário**

[Poço de visita 69](#)

[Vera](#)

[Sonho Febril](#)

[Vida de Morfiel, Demiurgo](#)

[Como Ian Direach capturou o Falcão Azul](#)

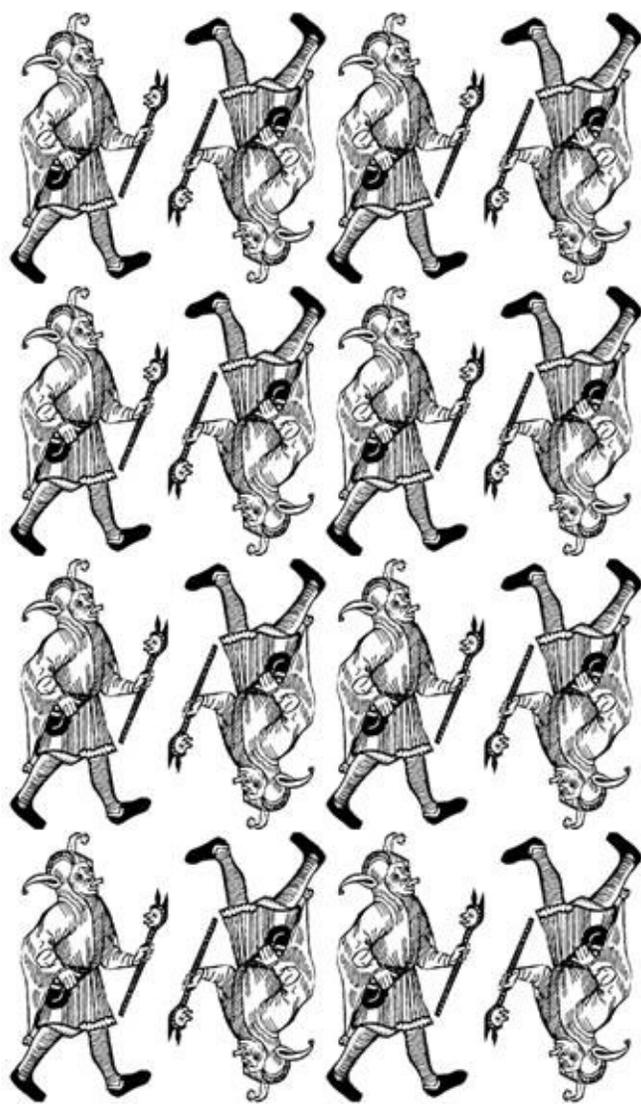
[A América não existe](#)

[O freguês dela](#)

[O Fundo do Abismo](#)

[A Noite Turca](#)

[Fragmento](#)



# Poço de visita 69

\*

**J.G. BALLARD**

título original:  
MANHOLE 69

tradução:  
RICHARD COSTA

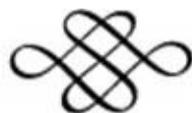
J.G. Ballard foi um escritor inglês nascido na China em 1930 e falecido em 2009. Sua obra mais conhecida é *Império do Sol*, romance baseado em suas experiências em um campo de internamento na China durante a Segunda Guerra. Após a guerra, voltou à Inglaterra, largou os estudos de medicina e passou a escrever ficção científica e especulativa. É autor de muitos contos e romances, a maior parte não traduzidos no Brasil.

O conto aqui traduzido, *Manhole 69*, foi publicado pela primeira vez em 1957, na seminal revista *New Worlds*. Mais tarde, foi incluído nas coleções *The Disaster Area* e *Chronopolis and Other Stories*.

**Richard Costa** é tradutor e aprendiz de latinista.

# Poço de Visita 69

© J.G. Ballard



Durante os primeiros dias tudo estava indo bem.

- Fiquem longe das janelas e não pensem muito nisso, - Dr. Neill lhes disse. - Para vocês é apenas mais uma obrigação. Às onze e meia ou à meia-noite vão lá no ginásio e joguem uma bola ou pingue-pongue. Às duas vão projetar um filme para vocês no cinema do departamento de neurologia. Leiam os jornais por algumas horas, coloquem uns discos pra tocar. Eu volto às seis. Às sete vocês vão estar num ritmo frenético.

- Tem chance de um desmaio súbito, doutor? - Avery perguntou.

- Absolutamente nenhuma, - Neill disse. - Se vocês ficarem cansados, descansem, claro. Essa é a única coisa com que vocês provavelmente vão ter dificuldade de se acostumar. Lembrem-se, vocês ainda estão usando somente três mil e quinhentas calorias, então o nível cinético dos seus corpos - e vocês vão notar isso geralmente de dia - estará um terço mais baixo. Vocês vão ter que pegar mais leve, levar tudo em consideração. A maioria dessas coisas já foi programada para vocês, mas comecem a aprender a jogar xadrez, se concentrem naquele olhar interno.

Gorrell se inclinou para frente.

- Doutor, se a gente quiser, pode olhar pelas janelas?

Dr. Neill sorriu.

- Não se preocupe, - disse. - Os fios foram cortados. Você não ia conseguir dormir agora nem se tentasse.

Neill esperou que os três homens saíssem da sala de palestras e voltassem para a Ala de Recreação, então desceu do estrado e fechou a porta. Era um homem baixo, de ombros largos, por volta dos cinquenta, com uma boca acentuada e impaciente, e traços diminutos. Puxou uma cadeira da primeira fileira e se esparramou agilmente sobre ela.

- E então? - perguntou.

Morley estava sentado em uma das escrivaninhas contra a parede do fundo, brincando à toa com um lápis. Aos trinta anos, era o membro mais jovem da equipe trabalhando sob a coordenação de Neill na Clínica, mas, por algum motivo, Neill gostava de falar com ele.

Viu que Neill estava esperando uma resposta e deu de ombros.

- Parece estar tudo bem, - disse. - A recuperação da cirurgia está completa. Os ritmos cardíacos e o eletroencefalograma estão normais. Eu vi a radiografia hoje de manhã, e tudo parece estar muito bem lacrado.

Neill o observava com um olhar zombeteiro.

- Parece que você não aprova isso.

Morley riu e se levantou.

- Claro que aprovo. - Andou pela passagem entre as escrivatinhas, seu jaleco branco desabotoado, as mãos enfiadas nos bolsos. - Não, até agora você se justificou em cada um dos pontos. A festa está apenas começando, mas os convidados estão com um ânimo dos bons. Sem dúvida. Eu achei que três semanas seria um pouco cedo demais para despertá-los do estado hipnótico, mas você provavelmente vai acabar estando certo quanto a isso também. Hoje é a primeira noite que vão passar sozinhos. Vamos ver como estarão amanhã de manhã.

- O que é que você está esperando secretamente? - Neill perguntou, com um sorriso irônico. - Uma carga pesada de retroalimentação da medula?

- Não, - Morley disse. - nisso, mais uma vez, os testes psicométricos mostraram que não surgiu absolutamente nada de anômalo. Nem um trauma sequer. - Olhou para o quadro-negro e depois para Neill. - Sim, com uma avaliação cuidadosa, eu diria que você conseguiu.

Neill se inclinou para frente, apoiado nos cotovelos. Contraíu os músculos das mandíbulas.

- Penso que fiz mais do que conseguir. Bloquear as sinapses medulares eliminou muito material que eu achava que ainda estaria lá: as pequenas idiossincrasias e complexos, as fobias agressivas e insignificantes, a péssima transição no banco psíquico. A maioria disso desapareceu, ou pelo menos não aparece nos testes. No entanto, são alvos secundários, e graças a você, John, e a todos os outros da equipe, nós acertamos o alvo principal na mosca.

Morley resmungou alguma coisa, mas Neill continuou, com a voz cortada.

- Nenhum de vocês percebe ainda, mas esse é um avanço tão grande quanto o passo que o primeiro ictioide deu para fora do mar proterozóico, trezentos milhões de anos atrás. Finalmente libertamos a mente, elevando-a para fora dessa fossa arcaica chamada sono, o retiro noturno para dentro da medula. Com praticamente uma única incisão do bisturi, acrescentamos vinte anos às vidas destes homens.

- Só espero que eles saibam o que fazer com todos esses anos, - Morley comentou.

- Ora, John, - Neill respondeu bruscamente. - Isso não é um argumento. O que eles fazem com seu próprio tempo é responsabilidade deles, afinal. Eles vão aproveitar o melhor que puderem, assim como nós, como seres humanos, sempre aproveitamos o melhor de toda oportunidade que nos foi dada. É cedo demais para pensar a respeito disso, mas imagine a aplicação universal de nossa técnica. Pela primeira vez, o Homem viverá um dia completo de vinte e quatro horas, em vez de gastar um terço do seu tempo como um inválido, roncando, enquanto espia um show de erotismo infantil de oito horas.

Cansado, Neill parou de falar e esfregou os olhos.

- Com o que você está preocupado?

Morley fez um gesto insignificante, impotente, com uma mão.

- Não sei, é só que... - Brincou com o cérebro de plástico montado sobre uma plataforma ao lado do quadro-negro. Refletida sobre uma das espirais frontais estava uma imagem distorcida de Neill, com um rosto retorcido, sem queixo, e um

crânio enorme, como uma cúpula. Sentado sozinho entre as escrivatinhas da sala de palestras vazia, parecia um gênio louco, esperando pacientemente para fazer um teste que ninguém era capaz de lhe dar.

Morley virou o modelo com o dedo, observando a imagem se obscurecer e se dissolver. Quaisquer que fossem suas dúvidas, Neill era provavelmente a última pessoa capaz de entendê-las.

- Eu sei que o que você fez foi somente lacrar uns circuitos no hipotálamo, e percebo que os resultados serão espetaculares. Você provavelmente vai causar a maior revolução socioeconômica desde a Queda. Mas, por algum motivo, não consigo tirar aquele conto de Tchekhov da minha cabeça: aquele do homem que aceita uma aposta de um milhão de rublos: que ele não conseguiria se isolar por dez anos. Ele tentou, nada deu errado, mas um minuto antes de acabar o tempo ele saiu do quarto voluntariamente. Ficou louco, é claro.

- E daí?

- Sei lá. Andei pensando nisso a semana toda.

Neill soltou uma bufada pelo nariz.

- Presumo que você está tentando dizer que o sono é algum tipo de atividade comunitária, e que esses três homens agora estão isolados, exilados do inconsciente coletivo, do sonho negro e oceânico. É isso?

- Talvez.

- Que besteira, John. Quanto mais possamos reter o inconsciente, melhor. Estamos resgatando uma área do pântano. Fisiologicamente falando, o sono não é nada mais que um sintoma inconveniente da anoxemia cerebral. Não é *isso* que você tem medo de perder, é o sonho. Você quer segurar o seu assento na primeira fileira do show erótico.

- Não, - Morley disse, a voz calma. Às vezes a agressividade de Neill o surpreendia; era quase como se considerasse o próprio sono como algo secretamente vergonhoso, um vício que precisava ser escondido. - O que eu quero dizer é que, por bem ou por mal, Lang, Gorrell e Avery agora estão condenados a si mesmos. Eles nunca poderão escapar, nem mesmo por alguns minutos, muito menos por oito horas. Até que ponto você se aguenta? Talvez você precise tirar oito horas por dia só para se esquecer do choque que é ser você mesmo. Lembre-se, eu e você não vamos estar por perto para sempre, alimentando eles com testes e filmes. O que vai acontecer quando eles ficarem de saco cheio de si mesmos?

- Não vão ficar, - Neill disse. Levantou-se, entediado de repente com as perguntas de Morley. - O ritmo total de suas vidas será menor que o nosso, essas tensões e pressões nem ao menos começarão a se cristalizar. Logo nós vamos parecer maníaco-depressivos para eles, correndo e dando voltas como dervixes metade do dia, depois caindo na letargia durante a outra metade.

Foi até a porta e estendeu a mão para o interruptor.

- Bom, vejo você às seis.

Saíram da sala de palestra e seguiram pelo corredor juntos.

- O que você vai fazer agora? - Morley perguntou.

Neill riu.

- O que você acha? - disse. - Vou tirar uma boa noite de sono.

Pouco depois da meia-noite, Avery e Gorrell estavam jogando pingue-pongue no ginásio iluminado por holofotes. Eram jogadores competentes, e passavam a bola para lá e para cá com pouco esforço. Ambos se sentiam fortes e atentos; Avery estava suando levemente, mas isso era devido às luzes de arco elétrico que flamejavam do teto - preservando, por segurança, uma ilusão de dia permanente - e não a um esforço excessivo de sua parte. Era o mais velho dos três voluntários, de porte alto e um tanto distante, com um rosto magro e fechado, não fazia nenhuma tentativa de falar com Gorrell, e estava se concentrando em se ajustar para o período que vinha. Sabia que não teria o menor vestígio de fadiga, mas, ao jogar, prestava atenção aos seus ritmos respiratórios e sua tensão muscular, e ficava de olho no relógio.

Gorrell, um homem sereno, airoso, também estava calado. Entre raquetadas, olhava cautelosamente em volta do ginásio, notando as paredes, como de um hangar, o piso amplo, polido, as claraboias fechadas no teto. De vez em quando, sem perceber, passava o dedo pela cicatriz circular do trépano na parte de trás da cabeça.

No centro do ginásio, algumas poltronas e um sofá tinham sido dispostos em volta de um gramofone, e lá estava Lang jogando xadrez com Morley, que estava cumprindo seu horário de plantão noturno. Lang estava encurvado sobre o tabuleiro. De cabelos crespos e olhar agressivo, com um nariz pontudo e boca saliente, observava as peças atentamente. Tinha jogado regularmente contra Morley desde que chegara à Clínica quatro meses atrás, e os dois estavam praticamente empatados, talvez com uma leve vantagem de Morley. Mas, naquela noite Lang tinha aberto o jogo com um novo ataque, e depois de dez jogadas tinha completado seu avanço e começado a romper a defesa de Morley. Sua mente estava clara e exata, intensamente concentrada no jogo à sua frente, embora tivesse sido ainda naquela manhã que tinha saído do nebuloso limbo do estado pós-hipnótico no qual ele e os outros dois tinham ficado à deriva por três semanas como fantasmas lobotomizados.

Atrás dele, ao longo de uma parede do ginásio, ficavam os escritórios que continham a unidade de controle. Por trás do ombro viu um rosto o encarando através de uma janela de observação circular em uma das portas. Lá, em estado de alerta constante, três assistentes e estagiários ficavam sentados, à espera com suas macas de emergência. (A porta de saída, que dava em uma pequena enfermaria contendo três catres, era mantida fechada cuidadosamente.) Depois de alguns momentos virou o rosto. Lang sorriu pensando no maquinário elaborado que estava cuidando dele. Sua transferência psicanalítica para com Neill tinha sido positiva, e tinha fé absoluta no sucesso do experimento. Neill tinha garantido que, no pior dos casos, a acumulação súbita de metabólitos em sua corrente sanguínea poderia induzir um leve torpor, mas seu cérebro ficaria intacto.

- A fibra nervosa, Robert, - Neill lhe dissera várias vezes, - nunca se cansa. O cérebro não é capaz de sentir cansaço.

Enquanto esperava pelo movimento de Morley, olhou a hora no relógio apoiado na parede. Meia-noite e vinte. Morley bocejou, seu rosto tenso sob a pele cinzenta.

Estava cansado e desmazelado. Debruçou-se na poltrona, o rosto apoiado em uma mão. Lang refletiu consigo como aqueles que dormiam logo pareceriam frágeis e primitivos, suas mentes se afogando todas as noites sob o fardo das toxinas acumuladas, a acuidade de suas consciências desgastada e puída. De repente percebeu, naquele exato momento, que Neill estava dormindo. Surgiu-lhe uma visão curiosamente embaraçosa de Neill, embrulhado em sua cama bagunçada, dois andares acima, a taxa de glicose no seu sangue baixa, sua mente à deriva.

Lang riu de tal noção extravagante, e Morley retirou a torre que acabara de mover.

- Devo estar ficando cego. O que estou fazendo?

- Não, não é isso, - Lang disse. Começou a rir de novo. - É que acabo de descobrir que estou acordado.

Morley sorriu.

- Vamos ter que eleger essa como uma das frases memoráveis da semana. - Colocou a torre de volta no lugar, endireitou-se na poltrona, e olhou para a mesa de pingue-pongue. Gorrell tinha acabado de acertar a bola com as costas da raquete, passando raspando por cima da rede, e Avery estava correndo atrás da bola.

- Eles parecem estar bem. E você?

- Estou com tudo, - Lang disse. Seus olhos piscaram por cima do tabuleiro e fez sua jogada antes que Morley tivesse tempo de recuperar o fôlego.

Geralmente eles chegavam até os finais do jogo, mas naquela noite Morley teve que se render na vigésima jogada.

- Ótimo, - disse, animado. - Logo você vai conseguir derrotar o Neill. Mais uma?

- Não. Na verdade, xadrez me dá tédio. Já estou vendo que isso vai ser um problema.

- Você vai enfrentar isso. Dê um tempo para sentir suas pernas.

Lang tirou um dos álbuns de Bach da prateleira no armário dos discos. Colocou um Concerto de Brandenburgo no prato e soltou a agulha. Enquanto os padrões contrapontísticos opulentos preenchiam o ar, se sentou, ouvindo atentamente a música.

Morley pensou: Absurdo. Ninguém aprende a andar assim tão rápido. Três semanas atrás ele só curti jazz.

As horas seguintes passaram rapidamente.

Às 1:30 foram até a ala de cirurgia, onde Morley e um dos estagiários lhes deram um checkup rápido, verificando suas desobstruções renais, batimentos cardíacos, e reflexos.

Vestidos novamente, foram para o refeitório vazio fazer um lanche e sentaram nos bancos, discutindo como deveriam chamar aquela nova quinta refeição. Avery sugeriu "Comeio", e Morley, "Almojum".

Às 2:00, tomaram seus assentos no cinema do departamento neurológico, e passaram algumas horas vendo filmes dos treinos de hipnose das últimas três semanas.

Quando a sessão acabou, foram para o ginásio, a noite acabando. Ainda estavam relaxados e alegres; Gorrell ia na frente, provocando Lang por causa de

alguns episódios dos filmes, imitando sua maneira de andar como se estivesse em transe.

- Olhos fechados, boca aberta, - demonstrou, virando contra Lang, que saltitou para o lado, saindo da frente. - Olha só você; tá fazendo isso até agora. Tou dizendo, você não tá acordado, tá sonambulando. - Virou para Morley, - Não é, doutor?

Morley engoliu um bocejo. - Bom, então somos dois. - Ele os seguiu ao longo do corredor, tentando ao máximo ficar acordado, se sentindo como se ele, e não os três homens à sua frente, estivera sem sono pelas últimas três semanas.

Embora a Clínica estivesse em silêncio, todas as luzes ao longo dos corredores e escadas abaixo tinham sido deixadas acesas, segundo a ordem de Neill. À frente deles, dois assistentes verificaram se as janelas pelas quais passavam estavam tapadas seguramente, e se as portas estavam fechadas. Em nenhuma parte se via um canto escuro ou sombra fixa.

Neill tinha insistido quanto a isso, reconhecendo com relutância uma possível associação condicionada entre escuridão e sono: "Temos que admitir. Em todos - com exceção de alguns poucos - os organismos, a associação é forte o bastante para ser um reflexo. Os mamíferos superiores dependem de um aparato sensorio extremamente aguçado para sua sobrevivência, combinado com uma capacidade variante de armazenar e classificar informação. Afundados na escuridão, isolados do fluxo de dados visuais para o córtex, eles acabam paralisados. O sono é um reflexo de defesa: abaixa a taxa metabólica, conserva a energia, aumenta o potencial de sobrevivência do organismo fundindo-o em seu hábitat."

No patamar no meio da escada havia uma grande janela com venezianas fechadas que durante o dia dava para o estacionamento atrás da Clínica. Ao passar por ela, Gorrell parou. Chegou mais perto, puxou a persiana, e destrancou a veneziana.

Ainda segurando-a fechada, virou-se para Morley, que observava de um lance de degraus acima.

- Tabu, doutor? - perguntou.

Morley olhou para cada um dos três homens. Gorrell estava calmo e tranquilo, aparentemente extravasando uma curiosidade à toa, nem um pouco sinistra. Lang estava apoiado de costas no corrimão, observando curiosamente, com uma expressão de desinteresse extremo. Somente Avery parecia vagamente ansioso, seu rosto magro estava pálido e emaciado. Morley teve um pensamento irrelevante: eles estão com barba rala - vão ter que raspar duas vezes por dia. E depois: por que o Neill não está aqui? Ele sabia que eles iam atacar uma janela assim que tivessem a chance.

Notou Lang lhe dando um sorriso zombeteiro e deu de ombros, tentando disfarçar sua preocupação.

- Pode abrir, se quiser. Como o Neill disse, os fios foram cortados.

Gorrell empurrou as venezianas, e eles se aglomeraram em volta da janela encarando a noite. Abaixo, gramados cor de chumbo se estendiam em direção a pinheiros e colinas na distância. A alguns quilômetros de distância à esquerda, um sinal neon piscava e acenava.

Nem Gorrell nem Lang sentiram qualquer reação, e seu interesse começou a diminuir em alguns momentos. Avery sentiu uma súbita euforia no coração, mas depois se controlou. Seus olhos começaram a examinar a escuridão; o céu estava claro e sem nuvens, e por entre as estrelas distinguiu a forma transversal estreita e láctea da orla galáctica. Observou em silêncio, deixando o vento refrescar o suor no seu rosto e seu pescoço.

Morley chegou perto da janela e apoiou os cotovelos no peitoril ao lado de Avery. Do canto do olho, aguardava cautelosamente qualquer sinal de contração nervosa – uma pálpebra tremulante, respiração acelerada – que indicasse uma descarga de reflexo. Lembrou do aviso de Neill: “No Homem, o sono é em grande parte voluntário, e o reflexo é condicionado pelo hábito. Mas só porque nós cortamos os ciclos hipotalâmicos que regulam o fluxo da consciência não quer dizer que o reflexo não se descarregará por outras vias. No entanto, cedo ou tarde, teremos de tomar o risco e lhes permitir um vislumbre do lado obscuro do sol.”

Morley estava refletindo sobre isso quando algo cutucou seu ombro.

– Doutor, – ouviu Lang dizer. – Doutor Morley.

Recompôs-se de sobressalto. Estava sozinho na janela. Gorrell e Avery já estavam na metade do próximo lance de escadas.

– O que foi? – Morley perguntou rapidamente.

– Nada, – Lang lhe assegurou. – Nós só vamos voltar pro ginásio. – Olhou Morley com atenção. – Você está bem?

Morley esfregou o rosto.

– Meu Deus, eu devo ter caído no sono. – Olhou para o relógio. Quatro e vinte. Eles ficaram olhando pela janela por mais de quinze minutos. Ele só se lembrava de ter se apoiado no peitoril. – E eu aqui preocupado com vocês.

Todos acharam engraçado, especialmente Gorrell.

– Doutor, – falou, a voz arrastada, – se você estiver interessado posso te recomendar um bom narcotomista.

Depois das 5:00, sentiram uma diminuição gradual da tensão muscular nos músculos dos braços e das pernas. As desobstruções renais estavam caindo e os produtos de decomposição estavam vagarosamente entupindo seus tecidos. As palmas das suas mãos estavam úmidas e dormentes, as solas dos pés pareciam estofas de uma esponja de borracha. A sensação era vagamente inquietante, mas não incluía sensações de fadiga mental.

O torpor se espalhou. Avery sentiu a pele das maçãs do rosto se esticando, puxando suas têmporas, dando-lhe uma leve dor de cabeça frontal. Virava obstinadamente as páginas de uma revista, suas mãos como pedaços de massa de vidraceiro.

Então Neill chegou, e eles começaram a voltar à vida. Neill parecia estar revigorado e ajeitado, saltitando nas pontas dos pés.

– Como foi o plantão noturno? – perguntou com a voz vivaz, indo até cada um deles, sorrindo ao examiná-los. – Tudo bem?

– Nada mau, doutor, – Gorrell lhe disse. – Um leve caso de insônia.

Neill gargalhou, lhe deu um tapinha no ombro e os levou para o laboratório de cirurgia.

Às 9:00, de barbas feitas e roupas limpas, se reuniram na sala de palestra. Sentiam-se revigorados e atentos novamente. O torpor periférico e leve dormência cerebral tinham passado assim que os soros de desintoxicação tinham sido conectados, e Neill lhes disse que dentro de uma semana seus rins teriam aumentado o bastante para que pudessem aguentar o ritmo.

Durante toda a manhã e o resto da tarde, trabalharam em uma série de testes de QI, de associação e de desempenho. Neill fez com que trabalhassem duro, direcionando sinuosos pontos de luz em volta de um monitor de cátodo, fazendo malabarismo com intrincadas sequências numéricas e geométricas, elaborando cadeias de palavras.

Parecia mais que satisfeito com os resultados.

- Tempos de acesso mais curtos, traços mais profundos de memória, - indicou para Morley quando os três homens foram para o seu período de descanso às 5:00. - Barris de essência psíquica de primeira ordem. - Fez um gesto para os cartões de testes espalhados na escrivaninha de seu escritório. - E você estava preocupado com o Inconsciente. Olha esses Rorschachs do Lang. Escreve o que estou dizendo, John, logo eu vou conseguir com que ele lembre suas experiências fetais.

Morley fez que sim, suas dúvidas iniciais se desfazendo.

Durante as próximas duas semanas, ou ele ou Neill estava com os homens continuamente, sentados a uma distância sob os holofotes no centro do ginásio, observando sua assimilação das oito horas extras, atentos para quaisquer sintomas de crise de abstinência. Neill conduzia todos de uma fase do programa à outra, através dos períodos de teste, passando por longas horas de noites intermináveis, seu ego poderoso injetando entusiasmo em cada membro da unidade.

Secretamente, Morley se preocupava com a crescente influência emocional evidente na relação entre Neill e os três homens. Tinha receio de que estavam se tornando condicionados a identificar Neill com o experimento. (Toque a campainha e o paciente começa a salivar; mas pare de tocar de repente após um longo período de condicionamento e o paciente perde a capacidade de se alimentar temporariamente. O período de interrupção mal chega a prejudicar um cachorro, mas pode desencadear um desastre em uma psique já extremamente sensível.)

Neill estava plenamente consciente disso. Ao fim das primeiras duas semanas, quando pegou um resfriado feio ficando sentado a noite toda e decidiu passar o dia seguinte na cama, chamou Morley em seu escritório.

- A transferência psicanalítica está ficando positiva demais. Precisa ser reduzida um pouco.

- Concordo, - Morley disse. - Mas como?

- Diga a eles que eu vou dormir por quarenta e oito horas, - Neill disse. Pegou uma pilha de relatórios, chapas, e cartões de testes e os segurou debaixo de um braço. - Eu me dei uma dose excessiva de sedativos de propósito para descansar. Diga que estou me sentindo uma sombra, síndrome de fadiga total, células de carga em alerta vermelho. Pode exagerar.

- Será que isso não seria drástico demais? - Morley perguntou. - Eles vão odiar você.

Mas Neill apenas sorriu e foi solicitar um escritório mais próximo de seu quarto.

Naquela noite, Morley estava de plantão no ginásio das 22:00 às 6:00. Como sempre, primeiro verificou que os assistentes estavam prontos com suas macas de emergência, leu o relato completo deixado pelo supervisor anterior, um dos estagiários veteranos, e depois passou pelo círculo de cadeiras. Sentou-se no sofá ao lado de Lang e folheou uma revista, observando os três homens cuidadosamente. Sob a luz ofuscante dos holofotes, seus rostos magros tinham uma aparência amarelada, cianótica. O estagiário tinha lhe avisado que Avery e Gorrell poderiam se cansar demais no pingue-pongue, mas às 23:00 eles pararam de jogar e se ajeitaram nas poltronas. Leram erratically e fizeram duas visitas ao refeitório, acompanhados sempre por um dos assistentes. Morley lhes falou de Neill, mas surpreendentemente nenhum deles fez qualquer comentário.

A meia-noite chegou vagarosamente. Avery estava lendo, seu longo corpo curvado em uma poltrona. Gorrell estava jogando xadrez contra si mesmo.

Morley cabeceou de sono.

Lang se sentia inquieto. O silêncio do ginásio e a ausência de movimento o oprimiam. Ligou o gramofone e botou para tocar um Brandenburgo, analisando suas sucessões de temas. Então resolveu fazer um teste de associação sozinho, virando as páginas de um livro e usando as palavras do canto superior direito como lista de controle.

Morley se ajeitou no sofá.

- Alguma coisa de bom? - perguntou.

- Algumas respostas interessantes. - Lang achou um bloco de notas e rascunhou algo. - Vou mostrar para o Neill de manhã — ou quando ele acordar. - Olhou pensativamente para os holofotes. - Eu estava só especulando aqui. Qual você acha que será o próximo passo?

- Do quê? - Morley perguntou.

Lang fez um gesto expansivo.

- Digo, na escala evolutiva. Trezentos milhões de anos atrás nós nos tornamos respiradores-de-ar e deixamos os mares para trás. Agora tomamos o próximo passo lógico e eliminamos o sono. O que vem depois?

Morley balançou a cabeça.

- Os dois passos não são análogos. Seja como for, na verdade vocês ainda não deixaram para trás o oceano primordial. Vocês ainda estão carregando consigo uma réplica secreta dele nas suas correntes sanguíneas. Tudo que fizeram foi encapsular uma peça necessária do ambiente físico para escapar dele.

Lang fez que sim.

- Eu estava pensando em outra coisa. Diga, já parou para pensar como a psique é completamente direcionada para a morte?

Morley sorriu.

- De vez em quando, - disse, tentando descobrir aonde essa conversa estava indo.

- É curioso, - Lang continuou, refletidamente. - O princípio de dor-prazer, todo

o aparato de sobrevivência-compulsão do sexo, a obsessão do superego com o amanhã - na maior parte do tempo a psique não é capaz de ver além de sua própria lápide. Mas por que é que ela tem essa fixação estranha? Por uma única razão muito óbvia. - Golpeou o ar com o indicador. - Porque toda noite ela recebe um lembrete muito convincente do destino que lhe aguarda.

- Você quer dizer o buraco negro, - Morley sugeriu ironicamente. - O sono?

- Exatamente. É simplesmente uma pseudo-morte. Claro, você não está consciente dela, mas deve ser aterrorizante. - Franziu o cenho. - Acho que o Neill não percebe que, longe de ser um descanso, o sono é genuinamente uma experiência traumática.

Então é isso, pensou Morley. O grande patriarca analista foi flagrado cochilando em seu próprio divã. <sup>[1]</sup> Tentou decidir o que era pior - os pacientes que sabiam muito de psiquiatria, ou os que sabiam só um pouco.

- Elimine o sono, - Lang estava dizendo, - e você também elimina todo o medo e os mecanismos de defesa erigidos ao seu redor. Então, por fim, a psique tem uma chance de se direcionar para algo mais válido.

- Tal como...? - Morley perguntou.

- Não sei. Talvez... o Ego?

- Interessante, - Morley comentou. Era 3:10. Decidiu passar a próxima hora revisando os cartões de testes recentes de Lang.

Esperou cinco minutos discretamente, depois levantou e foi até o escritório de cirurgia.

Lang enlaçou um braço por trás do sofá e ficou observando a porta da sala dos assistentes.

- O que será que o Morley tá aprontando? - perguntou. - Vocês dois não viram ele por aí?

Avery abaixou a revista que estava lendo.

- Ele não foi na sala dos assistentes?

- Dez minutos atrás, - Lang disse. - Não voltou ainda. É para ter alguém de plantão com a gente o tempo todo. Onde ele tá?

Gorrell, jogando xadrez consigo, levantou o olhar do tabuleiro.

- Talvez as noites em branco estejam deixando ele deprimido. É melhor você acordar ele antes que o Neill descubra. Ele deve ter caído no sono lendo os seus cartões de testes.

Lang riu e se ajeitou no sofá. Gorrell foi até o gramofone, tirou um disco da prateleira e deslizou no prato.

Quando o gramofone começou a tocar, Lang notou o quanto o ginásio deserto parecia silencioso. A Clínica era sempre silenciosa, mas mesmo à noite um fluxo residual de som - uma cadeira arrastada na sala dos assistentes, um gerador recarregando debaixo do cinema - circulava e dava vida ao ambiente.

Agora o ar estava plano e inerte. Lang ouviu atentamente. Todo o ambiente tinha a atmosfera morta e sem eco de um prédio abandonado.

Levantou e foi até a sala dos assistentes. Sabia que Neill desaconselhava

conversas casuais com a equipe de controle, mas a ausência de Morley o deixara intrigado.

Chegou até a porta e olhou pela janela para ver se Morley estava dentro.

A sala estava vazia.

A luz estava ligada. Duas macas de emergência estavam no seu lugar de sempre contra a parede perto da porta, uma terceira estava no meio do chão, um baralho espalhado por cima do estrado, mas o grupo de três ou quatro estagiários não estava ali.

Lang hesitou, estendeu a mão para abrir a porta, mas descobriu que estava trancada.

Tentou girar a maçaneta mais uma vez, depois virou e falou:

- Avery. Não tem ninguém aqui.

- Tenta na próxima porta. Eles devem estar recebendo instruções para amanhã.

Lang foi até a porta do escritório de cirurgia. A luz estava apagada, mas ele viu a escrivaninha branca laqueada e os grandes diagramas na parede. Não havia ninguém dentro.

Avery e Gorrell estavam observando.

- Eles estão aí? - Avery perguntou.

- Não. - Lang girou a maçaneta. - A porta está trancada.

Gorrell desligou o gramofone, e ele e Avery foram até lá. Tentaram abrir as duas portas mais uma vez.

- Eles estão aqui, em algum lugar, - Avery disse. - Tem que ter pelo menos uma pessoa de plantão. - Apontou para a última porta. - E aquela lá?

- Trancada, - Lang disse, - A sessenta e nove sempre ficou trancada. Acho que vai para o porão.

- Vamos tentar o escritório do Neill, - Gorrell sugeriu. - Se eles não estiverem lá, vamos passar pela Recepção e tentar sair. Isso deve ser uma sacanagem do Neill.

Não havia janela na porta do escritório de Neill. Gorrell bateu à porta, esperou, bateu novamente mais alto.

Lang tentou a maçaneta, depois se agachou.

- A luz tá apagada, - notou.

Avery se virou e olhou para as duas outras portas que restavam no ginásio, ambas no lado distante da parede, uma que levava para o refeitório e para a ala da neurologia, a outra para o estacionamento e a parte de trás da Clínica.

- O Neill não insinuou que ia tentar uma coisa assim com a gente? - perguntou. - Para ver se conseguimos passar a noite sozinhos.

- Mas o Neill tá dormindo, - Lang replicou. - Ele vai ficar de cama por uns dois dias. A não ser que...

Gorrell sacudiu a cabeça na direção das poltronas.

- Vamos sentar. Ele e o Morley devem estar observando a gente nesse exato momento.

Voltaram para os assentos.

Gorrell arrastou o banco de jogar xadrez até o sofá e dispôs as peças. Avery e Lang se espreguiçaram nas poltronas e abriram revistas, virando as páginas

cuidadosamente. Acima deles, os holofotes lançavam seus enormes cones de luz contra o silêncio.

O único ruído era o movimento vagaroso do relógio, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda.

Três e quinze da manhã.

A mudança foi imperceptível. A princípio, uma pequena alteração de perspectiva, um esvaecimento e uma reformulação de contornos. Em algum lugar, um foco se desfez, uma sombra oscilou lentamente contra uma parede, seus ângulos se partindo e se alongando. O movimento era fluido, uma procissão de infinitesimais, mas, gradualmente, sua direção total foi emergindo.

O ginásio estava encolhendo. Centímetro por centímetro, as paredes se deslocavam para dentro, invadindo a periferia do piso. À medida que se encolhiam, seus traços se alteravam: as fileiras de claraboias abaixo do teto se tornavam indistintas e se desfaziam, o cabo elétrico estendido ao longo da base da parede se fundia no rodapé, os defletores quadrados de ventilação evaporaram na parede de têmpera cinzenta.

Acima, como a parte de baixo de um elevador enorme, o teto descia contra o piso...

Gorrell apoiou seus cotovelos no tabuleiro, o rosto enfiado nas mãos. Tinha se bloqueado em um cheque perpétuo, mas continuava a mover as peças em um vaivém para dentro e para fora das casas do canto, ocasionalmente olhando para o ar em busca de inspiração, enquanto seus olhos vagueavam de cima para baixo das paredes em seu redor.

Em algum lugar, ele sabia, Neill estava observando.

Moveu-se, olhou para cima e seguiu a parede do outro lado até a outra extremidade, em alerta para algum sinal que revelasse um painel retrátil. Por algum tempo ficou tentando descobrir onde ficava o orifício de observação de Neill, mas sem êxito. As paredes eram brancas e sem traços distintivos; ele já tinha verificado duas vezes cada metro quadrado das duas paredes à sua frente, e tirando as três portas não parecia haver nenhuma falha ou orifício nem mesmo da menor dimensão em nenhuma área de sua superfície.

Depois de um tempo, seu olho esquerdo começou a latejar dolorosamente, e ele empurrou o tabuleiro e endireitou a coluna. Acima dele, uma linha de tubos fluorescentes estavam suspensos do teto, dispostos em arandelas plásticas quadriculadas que espalhavam a luz. Ele estava a ponto de comentar a respeito de sua busca pelo orifício para Avery e Lang quando percebeu que tanto um quanto o outro podiam estar ocultando um microfone.

Decidiu esticar as pernas, se levantou e perambulou pelo piso. Depois de se empertigar contra o tabuleiro por meia hora, estava se sentindo rígido e inquieto, e teve vontade de quicar uma bola ou contrair os músculos com uma máquina de remar. Mas infelizmente nenhuma outra conveniência de lazer, a não ser pelas três poltronas e pelo gramofone, tinha sido providenciada.

Foi até a parede do fundo e andou sem rumo, tentando escutar qualquer som

nas salas adjacentes. Estava começando aressentir que Neill ficasse espiando, toda essa conspiração de buraco de fechadura, então notou com alívio que eram três e vinte e cinco: em menos de três horas tudo ia acabar.

O ginásio se fechava. Agora tinha menos do que a metade de seu tamanho original, suas paredes vazias e sem janelas, era uma caixa enorme se encolhendo. As arestas deslizavam para dentro uma da outra, se fundindo ao longo de um traço abstrato, como planos se rompendo em um fluxo multidimensional. Apenas o relógio e uma única porta permaneciam...

Lang tinha descoberto onde o microfone estava escondido.

Sentou-se na ponta de sua poltrona, estalando seus dedos até que Gorrell voltasse, então levantou e lhe ofereceu o assento. Avery estava na outra poltrona, as pernas estendidas sobre o gramofone.

- Senta um pouco, - Lang disse. - Estou a fim de um passeio.

Gorrell se sentou.

- Vou perguntar para o Neill se podemos colocar uma mesa de pingue-pongue aqui. Deve ajudar a gente a passar o tempo e fazer um pouco de exercício.

- Boa ideia, - Lang concordou. - Se conseguirem passar a mesa pela porta. Duvido que tem espaço aqui, mesmo se a gente colocar as poltronas contra a parede.

Andou pelo piso, olhando discretamente pela janela da sala dos assistentes. A luz estava acesa, mas ainda não tinha ninguém dentro.

Foi até o gramofone e andou para lá e para cá ao redor por alguns momentos. De repente se virou e puxou com o pé o cabo que ia até a tomada.

O plugue caiu no piso. Lang o deixou onde estava, voltou, e sentou no braço da poltrona de Gorrell.

- Acabei de desconectar o microfone, - revelou.

Gorrell olhou ao redor cautelosamente.

- Onde estava?

Lang apontou.

- Dentro do gramofone. - Riu em voz baixa. - Achei uma boa passar a perna no Neill. Ele vai ficar louco quando perceber que não consegue ouvir a gente.

- Por que você acha que está no gramofone? - Gorrell perguntou.

- Onde mais? Além disso, não poderia estar em nenhum outro lugar. A não ser ali. - Fez um gesto para a arandela suspensa no centro do teto. - Está vazia a não ser por duas lâmpadas. O gramofone é um lugar óbvio. Eu já suspeitava que estava lá, mas não tinha certeza até notar que nós temos um gramofone, mas não discos.

Gorrell anuiu com um olhar sábio.

Lang se afastou, rindo consigo mesmo.

Acima da porta da Sala 69 o relógio assinalava 3:15.

O movimento estava se acelerando. O que antes tinha sido o ginásio era agora um pequeno quarto, de dois metros de largura, um cubo apertado, quase perfeito. As paredes se afundavam para dentro, ao longo de diagonais que se colidiam,

apenas a alguns centímetros de seu foco final...

Avery notou Gorrell e Lang andando de um lado para outro em volta de sua poltrona.

- Algum de vocês quer sentar? - perguntou.

Balançaram as cabeças. Avery descansou por alguns minutos e depois saltou da cadeira e se espreguiçou.

- Três e vinte e cinco, - observou, apertando as mãos contra o teto. - Essa está sendo uma noite bem longa.

- Eu não sei como o Neill espera que a gente fique acordado nesse buraco vinte e quatro horas por dia, - continuou. - Por que não tem uma TV aqui? Ou até um rádio, já seria alguma coisa.

Amontoaram-se em volta da poltrona juntos, Gorrell, seguido por Avery, com Lang completando o círculo, seus ombros começando a ficar corcundas, suas cabeças abaixadas enquanto observavam o piso, seus pés caindo no ritmo vagaroso e inerte do relógio.

Isso, pois, era o poço de visita: um cubículo estreito e vertical, alguns centímetros de largura, pouco mais de um metro de profundidade. Acima, uma lâmpada solitária e empoeirada brilhava suspensa de uma grade de aço. Como se tivessem se acumulado sob o ímpeto de seu próprio impulso, a superfície das paredes tinha engrossado, sua textura era de pedra, riscada e esburacada...

Gorrell se abaixou para soltar um dos cadarços e Avery bateu contra ele duramente, jogando seu ombro contra a parede.

- Tudo bem? - perguntou, pegando o braço de Gorrell. - Isso aqui tá meio lotado. Não entendo porque o Neill colocou a gente aqui.

Apoiou-se contra a parede, para evitar que sua cabeça tocasse o teto, e olhou ao redor pensativamente.

Lang estava apertado no canto ao seu lado, revezando o peso do corpo de um pé ao outro.

Gorrell se agachou abaixo deles.

- Que horas são? - perguntou.

- Eu diria três e quinze, - Lang sugeriu. - Mais ou menos.

- Lang, - Avery perguntou, - onde fica a ventilação aqui?

Lang olhou de cima para baixo das paredes e em volta do pequeno quadrado no teto.

- Deve ter um por aí.

Gorrell se levantou e eles se ajeitaram, examinando o piso entre seus pés.

- Deve ter uma saída de ventilação na grade da luz, - Gorrell sugeriu. Estendeu a mão e passou os dedos pela grade, esfregando por trás da lâmpada.

- Nada aqui. Estranho. Acho que a gente já devia ter respirado todo o ar aqui faz uma meia hora.

- Facilmente, - Avery disse. - Sabe, tem uma coisa que...

Então Lang interrompeu. Segurou o cotovelo de Avery.

- Avery, - perguntou. - Diz uma coisa. Como a gente entrou aqui?

- Como assim, entrou aqui? Nós estamos na equipe do Neill.

Lang o interrompeu.

- Isso eu sei.

Apontou para o chão.

- Quero dizer, aqui dentro.

Gorrell balançou a cabeça.

- Lang, relaxa. Como você acha? Através da porta.

Lang olhou seriamente para Gorrell, depois para Avery.

- Que porta? - perguntou calmamente.

Gorrell e Avery hesitaram, depois se viraram para olhar para cada parede de uma vez, esquadrinhando tudo do piso até o teto. Avery passou as mãos pela alvenaria, depois se ajoelhou e sentiu o chão, enfiando os dedos nas lajes ásperas de pedra. Gorrell se agachou ao seu lado, arranhando os finos filões de barro.

Lang saiu do caminho deles em um canto, e observou-os impassivelmente. Seu rosto estava calmo e imóvel, mas em sua têmpora esquerda uma veia palpitava loucamente.

Quando finalmente se levantaram, olhando uns para os outros com olhar oscilante, ele se jogou entre eles na parede oposta.

- Neill! Neill! - gritou. Bateu com raiva na parede com os punhos. - Neill! Neill!

Acima deles, a luz começou a se apagar.

Morley fechou a porta do escritório de cirurgia e foi até a escrivaninha. Embora fosse 3:15, Neill provavelmente estava acordado, trabalhando no material mais recente no escritório ao lado de seu quarto. Felizmente, os cartões de testes daquela tarde, recém assinalados por um dos estagiários, tinham acabado de chegar na sua caixa de chegada.

Morley pegou a pasta de Lang e começou a folhear os cartões. Suspeitava que as respostas de Lang a algumas das palavras-chave e ganchos sugestivos disfarçados nos formulários poderiam incidir alguma luz esclarecedora sobre os verdadeiros motivos por trás de sua equação de sono e morte.

A porta de comunicação com a sala dos assistentes abriu e um dos estagiários apareceu.

- Quer que eu tome conta no ginásio, doutor?

Morley acenou para dispensá-lo.

- Não precisa. Vou voltar em um momento.

Selecionou os cartões que queria e começou a rubricar suas retiradas. Contente de se afastar do clarão dos holofotes, adiou a volta o tanto quanto pôde, e era 3:25 quando finalmente saiu do escritório e voltou para o ginásio.

Os homens estavam sentados onde estavam antes. Lang observou-o se aproximando, sua cabeça apoiada confortavelmente em uma almofada. Avery estava esparramado em sua poltrona, o nariz enfiado em uma revista, enquanto Gorrell se debruçava sobre o tabuleiro, escondido atrás do sofá.

- Quem está afim de um café? - Morley falou em voz alta, decidindo que eles precisavam de exercício.

Nenhum deles levantou o olhar nem respondeu. Morley sentiu um lampejo de irritação, especialmente com Lang, que estava encarando o relógio atrás de Morley.

Então viu algo que o fez travar.

Caída no piso polido a três metros do sofá estava uma peça de xadrez. Foi até ela e a pegou. A peça era o rei preto. Ficou intrigado que Gorrell pudesse jogar xadrez com uma das duas peças essenciais do jogo faltando, quando então notou três outras peças caídas no piso próximo.

Seus olhos viraram para onde Gorrell estava sentado.

Espalhado pelo piso embaixo da poltrona e do sofá estava o resto do conjunto. Gorrell estava curvado sobre o banco. Um de seus cotovelos tinha escorregado e seu braço pendia entre seus joelhos, seus dedos tocando o piso. A outra mão apoiava seu rosto. Seus olhos mortos encaravam o chão.

Morley correu até ele, gritando:

- Lang! Avery! Chamem os assistentes!

Foi até Gorrell e o puxou para trás.

- Lang! - gritou de novo.

Lang ainda estava encarando o relógio, seu corpo em uma postura rígida, irreal, como um boneco de cera.

Morley encostou Gorrell de costas no sofá, inclinou-se e olhou para o rosto de Lang.

Virou-se para Avery, estirado por trás da revista, e puxou seu ombro. A cabeça de Avery oscilou rigidamente. A revista escorregou e caiu de suas mãos, deixando seus dedos contorcidos na frente do rosto.

Morley pulou por cima das pernas de Avery e correu até o gramofone. Ligou-o, agarrou o controle de volume e o girou até o máximo.

Acima da porta da sala dos assistentes, um sinal de alarme gritou através do silêncio.

- Você não estava com eles? - Neill perguntou rispidamente.

- Não, - Morley admitiu. Estavam de pé na porta da ala de emergência. Dois assistentes tinham acabado de desatrelar a unidade de eletroterapia e estavam levando o aparelho em uma maca. Lá fora, no ginásio, passava um trânsito silencioso e urgente de enfermeiras e assistentes. Com exceção de uma fileira de holofotes, todas tinham sido desligadas, e o ginásio parecia um palco deserto ao fim de uma apresentação.

- Eu fui no escritório pegar alguns cartões de testes, - explicou. - Não durou mais que dez minutos.

- Você tinha que cuidar deles o tempo todo, - Neil explodiu. - E não sair sozinho quando quisesse. Por que você acha que a gente tinha o ginásio e todo esse circo aqui?

Era pouco mais de 5:30. Depois de trabalhar desesperadamente nos três homens por algumas horas, ele estava a ponto de exaustão. Olhou para eles, deitados inertes em suas macas, lençóis afivelados até os queixos. Mal tinha mudado, mas seus olhos estavam abertos, sem piscar, e seus rostos tinham a

aparência oca e sem reflexo de um nulo psíquico.

Um estagiário se inclinou sobre Lang, com uma injeção hipodérmica na mão. Morley estava olhando para o piso.

- Eu acho que eles iam acabar assim de qualquer jeito.

- Como você é capaz de dizer isso? - Neill apertou os lábios com força. Sentia-se frustrado e impotente. Sabia que Morley provavelmente estava certo - os três homens estavam em retraimento terminal, não reagindo à insulina ou à eletroterapia, e um ataque catatônico extremo não surgia assim do nada - mas, como sempre, se recusou a admitir qualquer coisa sem prova absoluta.

Levou Morley até o escritório e fechou a porta.

- Senta. - Puxou uma cadeira para Morley e rondou em volta da sala, batendo o punho fechado contra a palma da mão.

- Está bem, John. O que foi?

Morley pegou um dos cartões de teste da mesa, equilibrou-o em um canto e o girou entre os dedos. Frases nadavam em sua mente, hesitantes e incertas, como peixes cegos.

- O que você quer que eu diga? - perguntou. - Reativação da imago infantil? Uma regressão para o grande útero letárgico? Ou, para simplificar ainda mais - apenas um acesso de ressentimento?

- Continue.

Morley deu de ombros.

- Consciência contínua é mais do que o cérebro é capaz de aguentar. Qualquer sinal repetido com frequência o bastante acaba perdendo seu sentido. Tente dizer a palavra *sono* cinquenta vezes. Depois de certo ponto, a autoconsciência do cérebro se embrutece. Não é mais capaz de compreender quem ou porque é o que é, e se perde à deriva.

- O que nós fazemos então?

- Nada. Exceto refazer o trajeto até o primeiro nervo lombar. O sistema nervoso central simplesmente não suporta a narcotomia.

Neill balançou a cabeça.

- Você está desorientado, - disse, curto e grosso. - Fazer malabarismo com generalidades não vai trazer aqueles homens de volta. Primeiro, temos que descobrir o que aconteceu com eles, o que eles realmente sentiram e viram.

Morley franziu o cenho em dúvida.

- Esse território é considerado *privado*. Mesmo que você faça isso, será que o retraimento de um psicótico fará sentido?

- Claro que fará. Não importa o quanto pareça insano para nós, foi real o bastante para eles. Se descobrirmos que o teto caiu ou que o ginásio ficou cheio de sorvete ou virou um labirinto, vamos ter alguma coisa para estudar. - Sentou na escrivaninha. - Você lembra aquele conto de Tchekhov que mencionou?

- "A Aposta"? Sim.

- Eu li ontem à noite. Curioso. É muito mais próximo do que você tá tentando dizer do que você imagina. - Olhou ao redor no escritório. - Esse quarto no qual o homem é confinado por dez anos simboliza a mente levada aos extremos limites da autoconsciência... Algo muito semelhante aconteceu com Avery, Gorrell e Lang.

Eles devem ter atingido um estágio além do qual não conseguiam mais conter a ideia de suas próprias identidades. Mas longe de ser incapaz de compreender a ideia, eu diria que eles não tinham consciência de mais nada. Como o homem no espelho esférico, que vê apenas um único olho gigantesco o encarando.

- Então você acha que o retraimento deles é uma fuga direta do olho, do ego avassalador?

- Não uma fuga, - Neil corrigiu. - O psicótico nunca foge de nada. É sensível demais. Ele apenas reajusta a realidade como lhe convém. É um truque e tanto, aliás. O quarto no conto de Tchekhov me dá uma ideia de como eles podem ter se reajustado. O equivalente particular do quarto era o ginásio. Estou começando a perceber que foi um erro colocar eles lá - todas aquelas luzes em cima deles, o piso enorme, as paredes altas. Tudo isso meramente exagera a sensação de sobrecarga. Na verdade, o ginásio pode facilmente ter se tornado uma projeção externa de seus próprios egos.

Neill tamborilou os dedos na escrivaninha.

- Aposto que neste exato momento ou eles estão andando por aí do tamanho de gigantes de cinquenta metros, ou reduziram a realidade às suas próprias dimensões. Provavelmente isso. Eles devem ter puxado o ginásio para dentro.

Morley sorriu friamente.

- Então agora a gente só tem que encher eles de mel e apomorfina e atrair eles de volta para a realidade. E se eles recusarem?

- Não vão recusar, - Neill disse. - Você vai ver.

Bateram na porta. Um estagiário enfiou a cabeça.

- O Lang tá saindo do transe, doutor. Ele tá chamando você.

Neill saiu correndo.

Morley o seguiu até a enfermaria.

Lang estava deitado na maca, seu corpo inerte sob o lençol. Seus lábios levemente abertos. Não saía nenhuma voz, mas Morley, agachado ao lado de Neill, viu seu osso hioide vibrando espasmodicamente.

- Ele está muito fraco, - o estagiário avisou.

Neill puxou uma cadeira e sentou ao lado da maca. Fez um esforço visível de concentração, contraindo os ombros. Curvou o rosto de lado contra o rosto de Lang e escutou.

Cinco minutos depois, a voz voltou.

Os lábios de Lang tremeram. Seu corpo se arqueou debaixo do lençol, se debatendo contra as fivelas, e por fim se relaxou.

- Neill... Neill, - sussurrou. Os sons, finos e sufocados, pareciam estar vindo do fundo de um poço. - Neill... Neill... Neill...

Neill acariciou sua testa com a mão pequena e delicada.

- Sim, Bobby, - disse calmamente. Sua voz era veludosa, acariciante. - Estou aqui, Bobby. Pode sair agora.

Vera

\*

## AUGUSTE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

título original:  
VÉRA

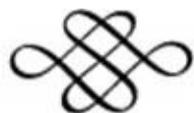
tradução:  
GUSTAVO LOPES

Auguste Villiers de l'Isle-Adam (1838-1889) estreou na literatura com *Primeiras Poesias*. Exerceu, entre outras profissões, a de instrutor de boxe, enquanto sua prosa de ficção, de forte influência romântica, angariava-lhe um círculo restrito, mas eminente, de admiradores, entre os quais Stéphane Mallarmé. Seu romance de ficção-científica *A Eva Futura* popularizou o termo “andróide”.

*Vera*, aqui traduzido, integra o volume intitulado *Contos Cruéis*, publicado originalmente em 1883.

**Gustavo Lopes** é mestre em Letras.

# Vera Villiers de L'Isle-Adam



À Sra. condessa de Osmoy

A forma do corpo lhe é mais essencial que sua substância.  
-*Fisiologia Moderna*

O amor é mais forte que a Morte, afirmou Salomão: sim, seu poder misterioso não tem limites.

Caía a tarde num outono de há poucos anos, em Paris. Carruagens, já iluminadas, avançavam demoradamente rumo ao sombrio distrito de Saint-Germain, depois do passeio habitual no Bois de Boulogne. Uma delas parou em frente a uma vasta e magnífica mansão, rodeada por jardins seculares; um brasão de pedra, erguido sobre o arco do portão, trazia as armas da antiga família de Athol, a saber: um escudo azul-profundo, tendo ao alto um elmo principiesco, ao fundo um manto de arminho e ao centro uma estrela de prata, sob o quê lia-se a divisa "PALLIDA VICTRIX". As pesadas portas da carruagem se abriram. Um homem entre os trinta e os trinta e cinco, de luto, o rosto mortalmente pálido, desceu. À soleira, criados taciturnos erguiam tochas. Sem os ver, ele cruzou os degraus e entrou. Era o conde de Athol.

Vacilante, subiu a branca escadaria que conduzia àquele quarto onde, na mesma manhã, depusera num esquife de veludo, envolvido em violetas e ondas de cambraia, sua dama de volúpia, sua esposa evanescente, Vera, seu desespero.

Lá em cima, a porta roçou suavemente o tapete. O conde ergueu a cortina.

Os objetos encontravam-se todos no lugar em que a condessa os deixara no dia anterior. A morte, repentina, se abatera como o raio. Na última noite, sua amada desmaiara em alegrias tão profundas, perdera-se em enlances tão sublimes, que seu coração, partido de prazer, desfalecera: seus lábios se haviam de súbito molhado de uma púrpura mortal. Ela mal teve tempo de dar a seu marido um beijo de adeus, sorrindo, sem uma palavra: então seus longos cílios, como véus de luto, desceram sobre a noite dos seus olhos.

O dia sem nome havia passado.

Pelo meio-dia, o conde de Athol, depois da horrenda cerimônia no jazigo familiar, havia despachado, no cemitério, a negra procissão. Depois, fechando-se a sós com a defunta, entre quatro paredes de mármore, ele havia trancado atrás de si a porta de ferro do mausoléu. Incenso queimava sobre um tripé, diante do caixão; à cabeceira da jovem morta, as lamparinas de uma coroa estrelada a iluminavam.

Ele, de pé, sonhador, seu único sentimento uma ternura sem esperança, permanecera ali, todo o dia. Às seis horas, sob o crepúsculo, deixara o lugar santo. Ao fechar o sepulcro, retirara da fechadura a chave de prata e, apoiando-se sobre o último degrau da entrada, jogara-a suavemente sobre as lajes interiores pelo trevo que encimava o portal.

Para que isso? Certamente por alguma resolução misteriosa de não mais retornar.

E agora voltava ao quarto viúvo.

A janela, por detrás das vastas cortinas de casimira malva bordadas a ouro, estava aberta: um último raio da tarde iluminava, numa moldura de madeira antiga, o retrato da morta. O conde fitava, junto a si, o vestido jogado sobre um sofá no dia anterior. Sobre a lareira permaneciam as jóias, os colares de pérolas, o leque entrefechado, os pesados frascos de perfumes que ela não mais respiraria. Colunas torcidas sustentavam a cama de ébano, desfeita ainda, na qual, junto ao travesseiro onde o lugar da cabeça adorada e divina era ainda visível em meio às rendas, ele notou o lenço tingido de gotas de sangue onde a jovem alma batera as asas um instante; o piano aberto, sustentando uma melodia para sempre inacabada; as flores indianas colhidas para ela, na estufa, e que morriam em velhos vasos de porcelana saxã; e, ao pé da cama, sobre uma pele negra, as pequenas chinelas de veludo oriental, sobre as quais brilhava, bordada em pérolas, uma divisa brincalhona de Vera: "Quem verá Vera a amará". Os pés nus da bem-amada ali brincavam na manhã anterior, beijados, a cada passo, pela penugem dos cisnes! E ali, ali, na sombra, o pêndulo, cujo mecanismo ele havia quebrado para que não soasse jamais outras horas.

Eis que ela havia partido!... E para onde?... Viver agora? Para quê? Era impossível, absurdo.

E o conde mergulhava em pensamentos secretos.

Recordava toda a existência passada - seis meses se haviam decorrido desde o casamento. Não fora no estrangeiro, no baile de uma embaixada que ele a vira pela primeira vez? Sim. Esse instante ressuscitava diante de seus olhos, bem distinto. Ali lhe aparecera ela, radiosa. Naquela noite seus olhos se haviam encontrado. Haviam reconhecido, intimamente, suas naturezas semelhantes, e souberam-se prestes a se amarem para sempre.

As intenções enganosas, os sorrisos calculados, as insinuações, todas as dificuldades que suscita o mundo para retardar a felicidade inevitável daqueles que se pertencem, se se evaporaram diante da tranquila certeza de que eles eram, naquele mesmo instante, um do outro.

Vera, cansada dos cerimoniais importunos que a rodeavam, dirigira-se até ele na primeira circunstância contrária, simplificando assim, de forma augusta, os desvios banais onde se perde o tempo precioso da vida.

Ah! Como, nas primeiras palavras, as vãs opiniões daquela gente lhes pareceram indiferentes, como um voo de pássaro noturno retornando às trevas. Que sorriso trocaram! Que inefável enlace!

A natureza de ambos, a bem da verdade, era das mais estranhas! Eram dois seres dotados de uma maravilhosa inteligência, mas exclusivamente terrestres. As

sensações se prolongavam neles com uma intensidade inquietante. Esqueciam a si mesmos, tal era a força com que as experimentavam. Ao contrário, certas ideias, aquelas da alma, por exemplo, do Infinito, de Deus até, eram como que veladas à sua compreensão. A fé de tantos mortais nas coisas do outro mundo não passava para eles objeto de uma vaga perplexidade: carta fechada com a qual não se preocupavam, faltando-lhes autoridade para condenar ou justificar. Reconhecendo, ademais, que o mundo lhes era estranho, haviam-se isolado, logo depois do casamento, naquela velha e sombria mansão, onde a vastidão dos jardins amortecia o barulho de fora.

Ali, os dois amantes adormeceram no oceano desses lânguidos e perversos deleites onde se confundem o espírito e a carne misteriosa! Exauriram a violência dos desejos, os frêmitos e as ternuras ardentes. Confundiram-se num mesmo palpitar. Neles, o espírito penetrava tão bem no corpo, que suas formas lhes pareciam intelectuais, e que os beijos, liames férvidos, os acorrentavam numa fusão ideal. Longo deslumbramento! De repente, o encanto se rompia; o terrível acidente os separava; seus braços se haviam desenlaçado. Que sombra lhe havia roubado a morta querida? Morta! Não. Acaso a alma dos violoncelos vai-se embora no grito de uma corda que se rompe?

Passaram as horas.

Ele observava, pela janela, a noite que avançava pelos céus: Noite encarnada, pareceu-lhe; lembrava-lhe uma rainha a caminhar, com melancolia, no exílio, e o broche de diamante em sua túnica de luto, Vênus, sozinha, brilhava, sobre as árvores, perdida no fundo do azul.

- É Vera, pensou ele.

Esse nome, pronunciado num sussurro, o fez fremir como alguém que desperta; então, vestindo-se, olhou ao redor.

Os objetos, no quarto, eram agora iluminados por uma claridade até então imprecisa de uma lamparina, à qual a noite, a pairar no firmamento, conferia a aparência de outra estrela, azulando as trevas. A lamparina, que rescendia a incenso, pertencia a uma iconóstase, relicário familiar de Vera. O tríptico, de uma velha e preciosa madeira, erguia-se entre o retrato e o espelho. Um reflexo dos interiores dourados caía, vacilante, sobre o colar na chaminé.

À cabeça da Madona trajada de azul, combinavam-se, como uma rosácea, a auréola e uma cruz bizantina, cujos delicados e vermelhos contornos, fundidos ao reflexo, sombreavam de um tom de sangue o oriente das pérolas. Desde a infância, Vera contemplava, com seus grandes olhos, o rosto maternal e tão puro da madona herediária, e, por sua natureza, ai dela!, não podendo consagrar-lhe mais que um amor supersticioso, oferecia-lho às vezes, ingênua, pensativa, ao passar pelo relicário.

O Conde, tocado até o fundo da alma pelas lembranças dolorosas que essa visão evocava, vestiu-se, soprou rapidamente a lamparina santa, e, tateando, na sombra, estendeu a mão até uma corda e a fez soar.

Um criado apareceu: era um velho vestido de negro; trazia uma lâmpada, que depôs em frente ao retrato da condessa. Foi com um arrepio de supersticioso terror que, voltando-se, viu seu mestre sorridente e de pé, como se nada tivesse

ocorrido.

- Raymond, - disse tranquilamente o conde, - estamos mortos de cansaço esta noite, a condessa e eu: servirás o jantar pelas dez horas. - A propósito, resolvemos isolar-nos mais ainda, aqui, a partir de amanhã. Nenhum de meus criados, além de ti, deve passar a noite na mansão. Tu lhes pagarás o salário de três anos, e que se vão. Então trancarás o portão; acenderás as tochas lá embaixo, na sala de jantar; tu nos bastarás - não receberemos mais visitas.

O velho tremeu e observou-o atentamente.

O conde acendeu um charuto e desceu até os jardins.

O criado pensou primeiro que a dor, por demais intensa, por demais desesperada, havia perturbado o juízo do patrão. Conhecia-o desde a infância; compreendeu, de imediato, que o choque de um despertar demasiado repentino poderia ser fatal ao sonâmbulo. Seu dever, antes de tudo, era respeitar tal segredo.

Baixou a cabeça. Uma cumplicidade devotada a esse sonho religioso? Obedecer? Continuar a lhes servir sem fazer caso da Morte? Que ideia estranha!... Duraria ela mais que uma noite? Amanhã, amanhã, ai dele!... Ah! Quem sabe? Talvez!... Não era aquilo um dever sagrado? Com que direito o questionava?...

Deixou o quarto, executou as ordens à risca e, naquela mesma noite, iniciou-se a existência insólita.

Tratava-se de criar uma miragem terrível.

O incômodo dos primeiros dias logo se desfez. Raymond, de início com perplexidade, depois por uma espécie de deferência e de ternura, tanto se esforçou para agir naturalmente, que três semanas não se haviam passado e já se sentia, por momentos, quase enganado pelo próprio ardil. A intenção real se dissipava! Por vezes, caindo numa espécie de vertigem, ele precisava dizer a si mesmo que a condessa estava positivamente morta. Deixava-se levar por essa farsa fúnebre e esquecia a todo instante a realidade. Logo lhe foi necessário mais que uma reflexão para convencer-se e voltar a si. Bem via que terminaria por se abandonar completamente ao magnetismo assustador com o qual o conde saturava pouco a pouco a atmosfera ao seu redor. Tinha medo, um medo indeciso, suave.

D'Athol, com efeito, vivia numa absoluta inconsciência da morte da amada! Não podia senão encontrá-la presente o tempo inteiro, tão mesclada à sua era a forma da jovem esposa. Ora, sobre um banco do jardim, nos dias de sol, ele lia em voz alta os poemas que ela amava; ora, à noite, junto ao fogo, as duas xícaras de chá sobre uma mesa pé-de-galo, conversava com a *Ilusão* sorridente, sentada, aos seus olhos, sobre a outra poltrona.

Os dias, as noites, as semanas voaram. Nem um nem outro sabia o que realizavam. E ocorriam agora fenômenos singulares, nos quais tornara-se difícil distinguir o ponto em que se fundiam o imaginado e o real. Uma presença flutuava no ar: uma forma esforçava-se em transparecer, em tramar-se no espaço tornado indefinível.

D'Athol vivia duas existências, como um extático. Um rosto doce e pálido, entrevisto como o raio, entre um piscar de olho e outro; um frágil acorde tocado ao piano, de repente; um beijo que lhe fechava a boca no momento em que ele falaria,

pensamentos *femininos* que lhe ocorriam como que em resposta ao que ele dizia, um tal desdobramento de si mesmo, que ele percebia, como uma névoa fluida, o perfume vertiginosamente doce da amada ao seu redor, e, à noite, entre a vigília e o sono, palavras escutadas bem baixo: tudo a anunciava. Era uma negação da Morte elevada, enfim, a um poder desconhecido!

Certa vez, d'Athol a sentiu e a viu tão nitidamente próxima a si, que ele a tomou em seus braços; mas esse movimento a dissipou.

- Criança!, murmurou ele a sorrir.

E adormeceu como alguém contrariado por uma amante sonolenta e sorridente.

No aniversário dela, ele incluiu, por brincadeira, uma sempre-viva no buquê que depôs sobre o travesseiro de Vera.

- Pois ela se crê morta, disse ele.

Graças à profunda e toda-poderosa vontade do senhor de Athol, que, por tanto amar, forjava a vida e a presença de sua mulher na mansão solitária, essa existência adquirira finalmente um sombrio e persuasivo encantamento. O próprio Raymond não experimentava mais qualquer espanto, tendo-se gradualmente habituado a essas impressões.

Um vestido de veludo negro entrevisto na curva de uma alameda; uma voz risonha que o chamava na sala; a sineta a tocar pela manhã, quando acordava, como antigamente; tudo isso se fizera familiar: como se a morta, por assim dizer, brincasse de esconde-esconde, como uma criança. Tão amada sentia-se ela! Era *natural*.

Um ano se passara.

Na noite do aniversário de casamento, o conde, sentado próximo ao fogo, no quarto de Vera, acabava de ler para ela um *fabliau* florentino: Calímaco. Ele fechou o livro; e disse ao se servir do chá:

— *Douschka*, recordas o Vale-das-Rosas, às margens do Lahn, no castelo das Quatro Torres? Essa história lembrou-te deles, não foi?

Ele se ergueu, e, no espelho azulado, se viu mais pálido que o normal. Retirou de um cálice um bracelete de pérolas e as observou com atenção. Vera não as tinha retirado de seu braço, ainda há pouco, antes de se despir? As pérolas ainda estavam quentes e seu brilho se suavizara, como que pelo calor da carne dela. E a opala desse colar siberiano, que amava também o belo seio de Vera, a ponto de empalidecer, doentia, em seu caixilho de ouro, quando a jovem esposa o esquecia por algum tempo! Por essa razão, outrora, ela havia amado essa pedra fiel!... Nesta noite a opala brilhava como que recém-abandonada e como se o magnetismo encantador da bela morta a penetrasse ainda. Ao devolver a seu lugar o colar e a pedra preciosa, o conde tocou por acaso o lenço de cambraia onde as gotas de sangue estavam ainda úmidas e vermelhas como cravos sobre a neve!... Ali, sobre o piano, quem havia então virado a página final de melodia de outrora? Mas ora! A samparina santa se acendera novamente, no relicário! Sim, sua chama dourada iluminava misticamente o rosto de olhos fechados da Madona! E aquelas flores orientais, recém-colhidas, que vicejavam nos velhos vasos saxões, que mão as pusera ali? O quarto parecia alegre e cheio de vida, de uma maneira mais eloquente

e mais intensa que de hábito. Mas nada era capaz de surpreender o conde! Aquilo lhe parecia a tal ponto normal, que ele sequer fez caso do soar da hora naquele pêndulo parado há um ano.

Nessa noite, contudo, dir-se-ia que, do fundo das trevas, a condessa Vera se esforçava adoravelmente por retornar àquele quarto onde se embalsamara a sua presença! Deixara ali tanto de si mesma! Tudo o que lhe havia constituído sua existência a atraía até lá. Seu encanto flutuava ali; os longos esforços feitos pela vontade apaixonada do esposo deviam ter desfeito os vagos liames do Invisível ao redor dela!...

Era *necessária* àquele lugar. Tudo o que ela amava se encontrava ali.

Obedecia decerto ao desejo de sorrir-se novamente nesse espelho misterioso onde ela havia tantas vezes admirado seu rosto de lírio! A morta adorável, no além, havia sem dúvida tremido, entre suas violetas, sob as lâmpadas extintas; a divina morta se inquietara, no sepulcro, sozinha, ao ver a chave de prata atirada sobre as lajes. Ela, também, queria ir até ele! E sua vontade se perdia na idéia do incenso e do isolamento. A Morte não é definitiva senão para os que têm esperança nos céus; mas a Morte, e os Céus, e a Vida, não eram para ela os braços dele? E o beijo solitário do esposo chamava seus lábios, na sombra. E o som de melodias passadas, as palavras ébrias de outrora, os tecidos que cobriam seu corpo e lhe guardavam o perfume, essas jóias mágicas que a *queriam*, nessa obscura simpatia - e, sobretudo, a imensa e absoluta impressão de sua presença, opinião partilhada enfim pelas coisas mesmas, tudo ali a reclamava há tempos, e tão insensivelmente, que, curada enfim da Morte estagnante, nada faltava além *d'Ela própria!*

Ah! As Ideias são seres vivos!... O conde escavara no ar a forma do seu amor, e era preciso preencher esse vazio com o único ser que lhe era igual, do contrário o Universo desmoronaria. A impressão de que *ela se encontrava ali, no quarto*, se tornou nesse momento absoluta, simples, definitiva. Ele tinha nisso uma fé tão tranquila quanto a que tinha em sua própria existência, e todas as coisas, à sua volta, estavam saturadas dessa convicção. Era evidente! E, *como nada faltava senão a própria Vera*, tangível, exterior, *era decerto necessário que ela ali se encontrasse* e que o grande Sonho da Vida e da Morte houvesse entreaberto um instante suas portas infinitas! O caminho da ressurreição lhe fora revelado pela fé! Uma risada fresca e musical iluminou de alegria o leito nupcial; o conde se voltou. E ali, diante de seus olhos, feita de vontade e de lembrança, reclinada, fluida, sobre o travesseiro de rendas, sua mão a sustentar os volumosos cabelos negros, sua boca deliciosamente entreaberta num sorriso de paradisíacas volúpias, de uma beleza pela qual se morreria, enfim!, a condessa Vera o observava ainda um pouco adormecida.

- Roger!..., - disse ela numa voz distante.

Ele se aproximou. Seus lábios se uniram numa alegria divina, - embriagante - imortal!

E ele percebeu, então, que ambos não eram mais, realmente, que um único ser.

As horas tocaram num vôo inaudito esse êxtase no qual se misturavam, pela primeira vez, a terra e o céu.

De repente, o conde de Athol estremeceu, como que ferido por uma

reminiscência fatal.

- Ah! Agora, eu me lembro!..., - disse ele. Que tenho eu então? Mas estás morta!

Mal proferiu esta palavra, a mística luz da iconóstase apagou-se. Um pálido amanhecer - amanhecer banal, cinzento e chuvoso - infiltrou-se no quarto pelos interstícios das cortinas. As velas enfraqueceram e se extinguíram, cedendo ao acre fumegar dos pavios em brasa; o fogo sumiu-se sob uma camada de cinzas mornas; as flores murcharam e secaram em alguns momentos; o pêndulo voltou pouco a pouco à imobilidade. A certeza que lhe davam os objetos voou subitamente. A opala, morta, não brilhava mais; secaram as manchas de sangue na cambraia; e sumindo entre os braços desesperados que em vão a queriam reter, a ardente e branca visão retornou ao ar e ali se perdeu. Um fraco suspiro de adeus, distinto, longínquo, chegou até a alma de Roger. O conde se vestiu; acabara de notar que estava só. De súbito seu sonho se tinha dissolvido; partira-se, com uma única palavra, o magnético fio de sua trama radiosa. A atmosfera, agora, era aquela dos defuntos.

Como aquelas lágrimas de vidro, que, illogicamente, não se quebrarão com um golpe de martelo contra a parte mais espessa, mas que se desfazem numa impalpável e súbita poeira se alguém lhes parte a extremidade, mais fina que a ponta de uma agulha, tudo desaparecera.

- Ah! - murmurou ele, - tudo acabou então! Perdida!... Sozinha! Que estrada, agora, conduzirá até ti? Indica-me o caminho que me leve a ti!...

De repente, como em resposta, um objeto brilhante caiu do leito nupcial, sobre a negra pele, com um barulho metálico: um raio do medonho dia terrestre o revelou!... O marido abandonado se abaixou, pegou-o, e um sorriso sublime iluminou seu rosto ao reconhecê-lo: era a chave do jazigo.

# Sonho Febril

\*

## RAY BRADBURY

título original:  
FEVER DREAM

tradução:  
ANANDA PIERATTI PAMPLONA

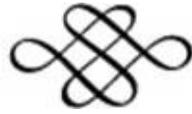
Ray Douglas Bradbury nasceu em Waukegan, no estado de Illinois, em 1920. Escreveu 27 livros e mais de 400 contos de ficção científica e fantasia. Dentre eles, *Fahrenheit 451*, romance adaptado para o cinema pelo diretor François Truffaut em 1966. Outras obras notáveis são *Crônicas Marcianas* e *O Homem Ilustrado*. Bradbury faleceu em junho de 2012, aos 91 anos.

O conto a seguir, *Fever Dream*, foi publicado pela primeira vez na coleção *A Medicine for Melancholy*, em 1959. Em 1965, Bradbury o incluiu em *The Vintage Bradbury*, uma de muitas coletâneas selecionadas pelo próprio autor.

**Ananda Pieratti** é estudante de Letras e essa é sua primeira tradução.  
E-mail: [anandapipa@gmail.com](mailto:anandapipa@gmail.com)

# Sonho Febril

© Ray Bradbury



Colocaram ele entre lençóis novos, limpos e lavados, e havia um copo de suco de laranja espesso e recém-espremido na mesa embaixo do abajur rosa. Tudo o que Charles tinha que fazer era chamar, e Mamãe e Papai logo enfiavam suas cabeças no quarto para ver o quanto ele estava doente. A acústica do quarto era boa; dava para ouvir a privada bochechando sua garganta de porcelana de manhã, a chuva tapeando o telhado e camundongos correndo nas paredes secretas ou o canário cantando na gaiola do andar de baixo. Se você ficasse atento, a doença não era tão ruim.

Ele tinha 13 anos, o Charles. Era o meio de Setembro, a terra começando a arder com o outono. Ele já estava de cama há três dias quando o terror o dominou.

Sua mão começou a mudar. A direita. Ele olhou e ela estava quente, suando sozinha na colcha. Ela tremulou, se mexeu um pouquinho. Depois ficou lá, mudando de cor.

Naquela tarde, o médico veio e tocou seu peito magro como um pequeno tambor.

— Como você está? — perguntou o médico, sorrindo. — Já sei, não precisa dizer: Minha gripe está ótima, doutor, mas eu estou péssimo! Ha! — riu da piada recorrente.

Charles ficou lá, deitado, aquele gracejo terrível e antigo se tornando real. A piada se fixou em sua mente. Sua mente a tocou e se retraiu num pálido horror. O médico não sabia como era cruel com suas piadas!

— Doutor, — sussurrou Charles, murcho e apagado. — Minha mão, ela não é mais minha. Hoje de manhã ela se transformou em outra coisa. Eu quero que você a conserte, doutor, doutor!

O médico mostrou os dentes e deu alguns tapinhas na sua mão.

— Ela parece normal para mim, meu filho. Você só teve um delírio por causa da febre.

— Mas ela mudou, doutor, oh, doutor, — Charles disse, levantando pateticamente sua mão pálida e selvagem. “Ela mudou!”

O médico piscou.

— Eu vou te dar uma pílula rosa para isso. — e estalou um comprimido na língua de Charles. — Engole!

— Isso vai mudar minha mão e fazer ela virar eu de novo?

— Sim, sim.

A casa estava em silêncio quando o médico desceu a estrada em seu carro, debaixo do quieto e azul céu de setembro. Um relógio batia lá embaixo no mundo da cozinha. Charles estava olhando sua mão.

Ela não voltou ao normal. Ainda era outra coisa.

O vento soprou do lado de fora. Folhas caíram contra a janela fria.

Às quatro da manhã, sua outra mão mudou. Quase parecia uma febre. Ela pulsava e se transformava, célula por célula. Batia como um coração quente. As unhas ficaram azuis e depois vermelhas. Ela se transformou depois de quase uma hora, e quando tudo terminou, parecia com uma mão qualquer. Mas não era uma mão qualquer. Não era mais ele. Ele ficou num horror fascinado até cair, exausto, no sono.

Mamãe trouxe a sopa às seis. Ele se recusou a tocá-la.

— Eu não tenho mãos. — disse, olhos fechados.

— Suas mãos estão perfeitamente normais. — disse Mamãe.

— Não, — ele resmungou, — Minhas mãos já eram. Eu sinto como se tivesse cotocos. Ah, mãe, mãe, me abraça, eu estou com medo!

Ela teve que lhe dar a comida.

— Mamãe, — ele disse, — chame o médico de novo, por favor. Eu estou tão doente.

— O médico vem hoje às oito, — ela disse, e foi embora.

Às sete, com a noite escura envolvendo a casa, Charles estava sentado na cama quando sentiu a coisa acontecendo com uma perna após a outra.

— Mãe! Vem rápido! — gritou.

Mas quando Mamãe chegou a coisa não estava mais acontecendo.

Ela desceu as escadas, e ele ficou deitado sem resistir enquanto suas pernas palpitavam e palpitavam, enfogueciam, avermelhavam, o quarto se enchendo com o calor da mudança febril. O brilho deslizou de seus dedos para seus tornozelos e daí para seus joelhos.

— Posso entrar? — O médico sorriu na porta.

— Doutor! — Charles gritou. — Rápido, tira meus cobertores!

O médico levantou os cobertores pacientemente.

— Prontinho. São e salvo. Suando, um pouco. Uma febrezinha. Eu disse para você não se mexer por aí, menino malvado.

Ele beliscou a bochecha úmida e rosada.

— As pílulas ajudaram? Suas mãos voltaram ao normal?

— Não, não, agora é a minha outra mão e minhas pernas!

— Ora, ora, eu vou ter que te dar mais três pílulas, uma para cada membro, heim, meu pessegozinho? — riu o médico.

— Elas vão me ajudar? Por favor, por favor. O que eu tenho?

— Um caso leve de escarlatina, piorado por uma gripezinha.

— Isso é um germe morando dentro de mim e fazendo mais germes lá dentro?

— Sim.

— Você tem certeza que é escarlatina? Você não fez nenhum exame!

— Eu acho que reconheço uma doença quando a vejo, — disse o médico,

checando o pulso do garoto com fria autoridade.

Charles ficou deitado, sem falar até o médico começar a arrumar cuidadosamente sua maleta escura. Então no silêncio do quarto a voz do menino fez um som pequeno e fraco, seus olhos acesos com a lembrança.

— Eu li um livro uma vez. Sobre árvores petrificadas, madeira virando pedra. Sobre como árvores caem e apodrecem e minerais entram e crescem e elas parecem árvores, mas não, elas são pedra. — parou de falar. Sua respiração ressoava no quarto quente e quieto.

— E daí? — perguntou o médico.

— Eu andei pensando, — disse Charles depois de algum tempo. — Os germes podem crescer? Quer dizer, nas aulas de biologia eles falam sobre animais de uma célula, amebas e tal, e como há milhões de anos atrás elas se juntaram num monte e formaram o primeiro corpo. E mais e mais células se juntaram e cresceram e talvez viraram um peixe e finalmente aqui estamos nós, e tudo o que nós somos é um bando de células que decidiram se juntar, para ajudar as outras. Não é? — Charles molhou os lábios febris.

— Do que você está falando? — O médico se inclinou sobre ele.

— Eu preciso te contar isso. Doutor, eu preciso! — gritou. — O que aconteceria, ah, imagina, por favor, imagina, que nem antigamente, um monte de micróbios se juntando e querendo virar um monte, se reproduzindo e fazendo mais—

Suas mãos brancas estavam em seu peito agora, rastejando até a garganta.

— E eles decidissem dominar uma pessoa!

— Dominar uma pessoa?

— Sim, virar uma pessoa. Eu, minhas mãos, meus pés! E se uma doença soubesse como matar uma pessoa e ainda continuar vivendo?

Ele gritou.

As mãos estavam no seu pescoço.

O médico correu para segurá-lo, gritando.

Às nove o médico foi acompanhado até o carro pela mãe e o pai, que entregou sua maleta. Conversaram no vento frio da noite por alguns minutos.

— Só se certifique de que as mãos dele fiquem amarradas nas pernas, — disse o médico. — Eu não quero que ele se machuque.

— Ele vai ficar bem, doutor? — a mãe segurou seu braço por um instante.

Ele deu um tapinha no ombro dela.

— Ora, eu não sou o médico da sua família há trinta anos? É a febre. Ele imagina coisas.

— Mas aquelas marcas no pescoço dele, ele quase se enforcou.

— Apenas mantenha ele amarrado; ele vai estar bem pela manhã.

O carro escorregou pela rua escura de setembro.

Às três da manhã, Charles ainda estava acordado no seu quarto pequeno e escuro. A cama estava úmida sob sua cabeça e costas. Ele estava muito quente. Agora já não tinha braços ou pernas, e seu corpo estava começando a mudar. Não

se movia, mas olhava para o imenso vazio do teto com uma concentração insana. Tinha gritado e esperneado por um tempo, mas agora estava fraco e rouco, e sua mãe havia levantado algumas vezes para resfriar sua testa com uma toalha úmida. Agora estava calado, suas mãos atadas às pernas.

Sentiu as paredes do seu corpo se transformando, os órgãos mudando de lugar, os pulmões pegando fogo como foles alcóolicos e rosados. O quarto estava iluminado com o bruxulear de uma lareira.

Agora já não tinha mais corpo. Não restava nada. Seu corpo estava embaixo dele, mas cheio com um enorme pulsar de alguma droga ardente e letárgica. Era como se uma guilhotina tivesse arrancado sua cabeça, e sua cabeça descansava em um travesseiro noturno enquanto seu corpo, lá embaixo, ainda vivo, pertencia a outra pessoa. A doença havia comido seu corpo e dessa refeição havia se reproduzido numa replicação febril.

Lá estavam os pequenos cabelos da mão e unhas e as cicatrizes e unhas do pé e a pintinha no lado direito do quadril, tudo refeito na maior perfeição.

Eu estou morto, pensou. Me mataram, mas eu ainda estou vivo. Meu corpo está morto, ele é todo doença e ninguém vai saber. Eu vou andar por aí e eu não serei eu, serei outra coisa. Uma coisa perversa, ruim, tão grande e tão ruim que será difícil de entender ou pensar. Algo que irá comprar sapatos e beber água e talvez se casar e fazer mais mal no mundo do que jamais fizeram.

Agora o calor estava roubando o seu pescoço, pelas suas bochechas, como vinho quente. Seus lábios queimavam, suas pálpebras, como folhas, pegavam fogo. Suas narinas expiravam uma chama azul, fraca, fraca.

É isso, acabou, pensou. Essa coisa vai pegar minha cabeça e meu cérebro e marcar cada olho e cada dente e todas as rugas do meu cérebro, e cada cabelo e cada dobra das minhas orelhas, e não vai sobrar nada de mim.

Sentiu seu cérebro se encher com mercúrio fervente. Sentiu seu olho esquerdo se retesar e se desenrolar, como uma lesma se movendo. Estava cego do olho esquerdo. Não lhe pertencia mais. Era território inimigo. Sua língua já era, cortada. Sua bochecha esquerda estava dormente, perdida. Sua orelha esquerda parou de ouvir. Já pertencia a outra pessoa. Essa coisa que nascia, essa coisa mineral substituindo o tronco de madeira, essa doença substituindo célula animal saudável.

Tentou gritar e conseguiu soltar um grito alto e ruidoso e áspero pelo quarto, bem quando seu cérebro foi inundado, sua orelha e olho direito foram eliminados, estava cego e surdo, só fogo, só terror, só pânico, só morte.

Seu grito cessou antes que sua mãe chegasse correndo pela porta.

Era uma manhã bonita e clara, com um vento ligeiro que ajudou a levar o médico pelo caminho até a casa. Na janela acima estava o garoto, totalmente vestido. Não respondeu quando o médico acenou e gritou — Que é isso? De pé? Meu Deus!

O médico quase correu escada acima, e entrou ofegando no quarto.

— O que você está fazendo fora da cama? — perguntou para o garoto.

Tamborilou no seu peito magro, checou seu pulso e tirou sua temperatura. — Absolutamente incrível! Normal. Normal, meu Deus!

— Eu nunca mais vou ficar doente, — declarou o garoto, quieto, parado, olhando pela ampla janela. — Nunca.

— Eu espero que não. Nossa, você parece ótimo, Charles.

— Doutor?

— Sim, Charles?

— Eu posso ir para a escola agora? — perguntou Charles.

— Amanhã já está bom. Você parece bastante ansioso.

— Eu estou. Eu gosto da escola. Todas as crianças. Eu quero brincar com elas e brigar com elas, e cuspir nelas e brincar com os cabelos das meninas e apertar a mão do professor, e esfregar minhas mãos em todos os casacos no armário, e quero crescer e viajar e apertar as mãos de pessoas por todo o mundo, e me casar e ter muitos filhos, e visitar bibliotecas e mexer em livros e - eu quero fazer tudo isso! — disse o garoto, olhando para a manhã de setembro. — Do que você me chamou?

— O que? — O médico perguntou. — Eu não te chamei de nada, só de Charles.

— É melhor do que nome nenhum, eu acho. — O garoto deu de ombros.

— Eu fico feliz que você queira voltar para o colégio. — disse o médico.

— Eu estou muito empolgado. — sorriu o garoto. — Muito obrigado pela ajuda, doutor. Aperto de mão.

Com prazer.

Apertaram as mãos gravemente, e o vento claro soprou pela janela aberta. Apertaram as mãos por quase um minuto, o garoto sorrindo para o velho e agradecendo.

Então, rindo, o garoto apostou uma corrida com o médico escada abaixo até o seu carro. Sua mãe e pai os seguiram para a despedida feliz.

— Novo em folha! — disse o médico. — Incrível!

— É forte, — disse o pai. — Ele se soltou sozinho das correias durante a noite. Não é, Charles?

— Eu me soltei? — disse o garoto.

— Sim! Como?

— Ah, — o garoto disse, — isso já faz muito tempo.

— Muito tempo!

Todos riram, e enquanto riam o garoto quieto movia seu pé descalço quase tocando, roçando em algumas formigas vermelhas que corriam na calçada. Secretamente, seus olhos brilhando enquanto seus pais conversavam com o velho, viu as formigas hesitando, tremendo, e parando no cimento. Sentiu que agora elas estavam frias.

— Tchau!

O médico dirigiu para longe, acenando.

O garoto foi em direção aos pais. Enquanto andava, olhou para a cidade e começou a cantarolar “School Days” baixinho.

— É bom ver ele bem de novo. — disse o pai.

— Escuta só. Ele está tão empolgado com a escola!

O garoto virou silenciosamente. Abraçou com força cada um de seus pais e os

beijou várias vezes.

Então sem falar nada seguiu os degraus que levavam à casa.

Na varanda, antes que os outros entrassem, abriu a gaiola rapidamente, mão adentro, e afagou o canário amarelo uma única vez.

Depois fechou a gaiola, se afastando, e esperou.



# Vida de Morfiel, Demiurgo

\*

## MARCEL SCHWOB

título original:  
VIE DE MORPHIEL, DÉMIURGE

tradução:  
MARIANA BARROS

Nascido na França em 1867 e falecido em 1905, Marcel Schwob foi jornalista, filólogo, tradutor e contista. Foi contemporâneo de autores como Paul Claudel, André Gide e Paul Valéry, que lhe dedicou o ensaio “Introdução ao método de Leonardo da Vinci”. A associação ao mestre renascentista não é fortuita: Schwob possuía uma enorme curiosidade. Era leitor tanto de escritores ingleses recentes, como Robert Louis Stevenson e Thomas de Quincey, quanto de autores da tradição greco-latina, como Diógenes Laércio e Plutarco. Sua obra abrange escritos tão diversos quanto um estudo sobre as gírias do francês e uma novela sobre a Cruzada das Crianças.

Entre as suas obras mais importantes estão *O livro de Monelle*, *A cruzada das crianças* e *Vidas imaginárias*. Esta última é uma coletânea de contos que, como o título sugere, se inscreve no gênero das biografias clássicas escritas por autores como Giorgio Vasari e Diógenes Laércio. Nenhum dos protagonistas dos contos – ou vidas – foi inventado por Schwob; em *Vidas*, dados biográficos reais diluem-se em meio à invenção ficcional.

O conto *Vida de Morfiel, demiurgo* foi publicado em 1895 no periódico parisiense *Le journal*. A intenção original do autor era incluí-lo em *Vidas Imaginárias*; no entanto, o conto só foi publicado em livro em 1985, oitenta anos após a sua morte. Caso tivesse sido incluído na coletânea, “Morfiel” teria sido a única vida totalmente ficcional. O texto aqui presente foi traduzido da seguinte edição: SCHWOB, Marcel. *Œuvres*. Paris : Phébus, 2002.

**Mariana Barros** é formada em Letras pela PUC-Rio.

E-mail: [marianamvbarros@gmail.com](mailto:marianamvbarros@gmail.com)

# Vida de Morfiel, demiurgo

## Marcel Schwob



Morfiel, como os outros demiurgos, foi chamado à existência por uma palavra do Ser supremo, que pronunciou seu nome. Imediatamente, viu-se no mesmo ateliê celeste que Sar, Tor, Aroquiel, Tauriel, Pthahil e Barroquiel. O mestre demiurgo que governava aquela oficina era Avathar. Todos eles trabalhavam intensamente na construção do mundo, segundo os modelos imaginados. Avathar deu a Morfiel sua porção de terra, água e metal; em seguida, encarregou-o de fazer os cabelos. Os outros moldavam narizes, olhos, bocas, braços e pernas. Barroquiel cuidava das monstruosidades e deformava uma parcela dos objetos acabados, antes de reenviá-los a seu chefe Avathar. Com efeito, alguns demiurgos haviam trabalhado em outros mundos superiores, e convinha que este fosse diferente. E foi seguindo o engenho de Avathar que Barroquiel operou a divisão da natureza dos homens e das mulheres, que, como relata Platão, formavam no mundo imediatamente acima do nosso um único ser que caminhava sobre quatro pés e quatro mãos dispostos orbicularmente, à maneira dos caranguejos. Há uma ilha no mundo inferior onde Avathar mandou colocar homens que haviam sido divididos mais uma vez. Eles têm apenas um olho, uma orelha e uma perna, e seu cérebro não é repartido em dois, mas completamente redondo. E o que é par aqui é ímpar lá. Pois são feitos à maneira das monocotiledôneas ou dos tubos vivos que aderem às rochas marinhas; e não concebem a segunda dimensão do espaço, mas acham que o universo é intervalar e descontínuo. De sorte que, saltando com sua perna mediana, atravessam sem dificuldade o que nos parece opaco, muralhas ou montanhas, e contam um, três, cinco, sete. Também não fazem amor a dois, pois não imaginam nada parecido; colam-se pela boca a três, cinco ou sete, em pequenos bandos, tirando disso um prazer infinito; e acreditam que veem os deuses pelos buracos do seu céu. E os animais dessa ilha têm disposição semelhante, e as plantas também; assim, só se veem saltos e caules solitários com uma única folha enrolada; e tudo isso é obra dos diligentes demiurgos.

Os modelos dos demiurgos eram feitos das matérias preciosas que serviram na fabricação dos outros universos, tais como éter, fogo sutil, vapor de diamante; e foi à imitação desses modelos que as coisas desta terra foram construídas; mas Avathar não permitiu que seus operários se servissem de outros materiais senão terra, água e metal. Muitos demiurgos refinados, já habituados a trabalhos com mais requinte, queixaram-se. Avathar impôs-lhes silêncio, e ia de um a outro, examinando com atenção os movimentos de suas mãos. É preciso ter em mente que houve muita inveja entre todos esses operários. Os que fabricavam as partes nobres não eram nem um pouco modestos, como hábeis artesãos de faiança; já os

que haviam recebido as partes baixas invejavam os companheiros mais felizes e realizavam a contragosto seu trabalho de humildes oleiros. Assim, os fabricantes de umbigos e unhas do pé não cessaram de resmungar durante toda a criação. Por sua vez, aqueles que poliam, torneavam e coloriam as pupilas dos olhos desprezavam o resto dos operários. Quanto a Morfiel, executava pacientemente o que Avathar lhe havia ordenado, e estirava fios grossos e finos.

Foi assim que correu a vida de Morfiel, demiurgo. Foi bastante parecida com a dos prisioneiros que trabalham em uma cela sob o olhar dos guardas. Não teve variedade alguma. Tão logo o Ser supremo resolvera criar, os deuses se sujeitaram à lei de suas próprias criações. Fabricantes essenciais, conheceram as dores e a monotonia da existência dos trabalhadores inferiores. Durante a demiurgia de Morfiel, não aconteceu nada digno de ser mencionado.

Mas calhou de se apaixonar pela sua obra e separar diligentemente os mais belos dos seus cabelos, sem o conhecimento de Avathar. Quando a criação deste mundo foi terminada, os demiurgos foram empregados em outro trabalho. No novo universo que construiriam, não havia cabelos. Morfiel se viu então livre para vagar, e levou consigo o seu roubo. Eram belos fios lisos e dourados, longos e macios, que Morfiel tocava com deleite.

Ora, o mundo novo que os demiurgos estavam fabricando era um mundo de demônios machos e fêmeas, que eram feitos à maneira dos homens, com a diferença de que portavam cristas e poupas no lugar dos cabelos. Um dos demônios fêmeas, Evertó, descobriu o fardo de Morfiel. E, desejando-o, roubou o que lhe aprouve, e ornou a cabeça com cabelos de mulher. Morfiel a observou, e Evertó o acariciou, de sorte que não ousou tomar de volta seu adorno. Pois os demiurgos não são nem um pouco perfeitos. Evertó distraiu-se por algum tempo com Morfiel; depois, como o verdadeiro demônio que era, escapuliu para a terra, onde ninguém pôde distingui-la das outras mulheres. Por toda parte, ela passava arrastando seus cabelos, dourados e lisos, e os pobres homens a acariciavam e se deixavam acariciar, assim como fizera o demiurgo. E o demônio fêmea Evertó se tornou célebre entre as mulheres, em meio às quais exerceu todas as suas maldades e todos os seus vícios, de forma que os deuses vigias se comoveram e fizeram um relatório.

Avathar foi logo convocado e partiu em busca de Morfiel, a fim de puni-lo. Morfiel estava no mundo inferior, alisando seu tesouro como um avaro. Avathar agarrou-o pela pele do pescoço, e o enforcou, com os cabelos que ele havia fabricado e amado, em um dos portões do céu. Tal foi o fim desse demiurgo culpado.

# Como Ian Direach capturou o Falcão Azul

\*

## JOHN FRANCIS CAMPBELL

título original:  
HOW IAN DIREACH GOT THE BLUE FALCON

tradução:  
MARINA LINDNER

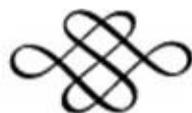
John Francis Campbell foi um autor escocês, nascido em 1821 e falecido em 1885. Foi um erudito que se especializou em estudos célticos. Era uma autoridade sobre folclore céltico e cultura gaélica em particular. Sua obra mais famosa foi *Popular Tales of the West Highlands* (Contos Populares das Terras Altas do Oeste), em quatro volumes.

O conto traduzido é um conto de fadas tradicional escocês, adaptado por Campbell, que o ouviu originalmente de um operário de pedreira chamado Angus Campbell. Mais tarde, foi também incluído em *The Orange Fairy Book* de Andrew Lang.

**Marina Lindner** é fotógrafa.

# Como Ian Direach capturou o Falcão Azul

## John Francis Campbell



Há muito tempo, um rei e uma rainha reinavam nas ilhas do oeste, e tinham um filho que amavam muito. O menino cresceu, alto, forte e bonito, e era capaz de correr, atirar flechas, nadar e mergulhar melhor do que qualquer rapaz de sua idade no país. Além disso, sabia navegar e cantar ao som da harpa, e, durante as noites de inverno, quando todos se reuniam no salão ao redor da enorme lareira para talhar arcos ou tecer, Ian Direach lhes contava sobre os feitos de seus antepassados.

O tempo então passou, até que Ian já era quase um homem, segundo o que eles consideravam um homem naqueles tempos, e então sua mãe, a rainha, faleceu. Houve luto por todas as ilhas, o menino e seu pai guardaram luto por ela amargamente; mas, antes que o ano novo chegasse, o rei se casou novamente, e parecia ter esquecido da primeira esposa. Apenas Ian se lembrava.

Certa manhã, quando as folhas estavam amareladas nas árvores do vale, Ian pendurou seu arco no ombro, encheu a aljava de flechas e foi para a colina em busca de caça. Mas não se via nenhum pássaro em lugar algum, até que finalmente um falcão azul passou voando por ele, e, alçando o arco, mirou no falcão. Seu olhar estava reto, e sua mão estava firme, mas o voo do falcão era veloz, e só atingiu uma pena de sua asa. Estando o sol se pondo sobre o mar, pôs a pena em sua bolsa de caça e foi para casa.

- Você me trouxe muitas caças hoje? - perguntou sua madrasta quando ele entrou no salão.

- Nada, somente isso, - ele respondeu, dando a ela a pena do falcão azul, a qual ela segurou pela ponta e olhou em silêncio. Então se virou para Ian e disse:

- Lança-a contra você, como cruces e feitiços, e como o outono! Que você sempre passe frio, e que fique molhado e sujo, e que sempre haja poças em seus sapatos, até que traga a mim o falcão azuldo qual essa pena cresceu.

- Se isso é um feitiço que está lançando, eu posso lançar um também, - respondeu Ian Direach; - e você ficará com um pé na casa-grande e outro no castelo, até que eu volte, e seu rosto estará contra o vento, de onde quer que ele sopra. - Então foi procurar o pássaro, como sua madrasta ordenou; e, partindo em direção às colinas de novo, viu a rainha parada com um pé na casa-grande e o outro no castelo, e seu rosto estava virado para onde quer que a tempestade soprasse.

Ele partiu em sua jornada, sobre colinas e através de rios, até encontrar uma vasta planície, e sem um vislumbre sequer do falcão. A escuridão aumentava e aumentava, os pequenos pássaros procuravam seus ninhos, algo quente se enrolou ao seu lado, e uma voz baixa lhe sussurrou:

- A sorte está contra você, Ian Direach; eu tenho apenas a bochecha e o casco de um carneiro para oferecer, e com isso você deve se satisfazer. - Com isso, Ian Direach acordou e viu Gille Mairtean, a raposa.

Acenderam uma fogueira entre eles e comeram o jantar. Então Gille Mairtean pediu para Ian Direach deitar-se como antes e dormir até a manhã. E de manhã, quando acordou, Gille Mairtean disse:

- O falcão que você procura está sob a guarda do Gigante de Cinco Cabeças, e Cinco Pescoços, e Cinco Corcovas. Eu mostrarei o caminho até a casa dele, e aconselho você a fazer sua vontade, ágil e alegremente e, acima de tudo, a tratar gentilmente seus pássaros, assim ele confiará em você e poderá dar seu falcão para que tome conta dele. E se isso acontecer, espere até o gigante sair de casa; então jogue um pano sobre o falcão e o leve embora com você. Apenas preste atenção para que nenhuma pena do falcão toque qualquer coisa na casa, ou o mal se abaterá sobre você.

- Agradeço seu conselho, - disse Ian Direach, - e o seguirei cuidadosamente. - Então tomou o caminho para a casa do gigante.

- Quem vem lá? - bradou o gigante, pois alguém batia com força à porta de sua casa.

- Alguém que procura trabalho como criado, - respondeu Ian Direach.

- E o que você sabe fazer? - perguntou o gigante.

- Sei alimentarpássaros e porcos; alimentar e ordenhar uma vaca, e também cabras e carneiros, se o senhor tiver algum, - respondeu Ian Direach.

- Então entre, eu preciso de alguém assim, - disse o gigante.

Então Ian Direach entrou, e tratou tão bem todos os pássaros e criaturas, que o gigante estava mais satisfeito do que jamais estivera, até que finalmente achou que podia confiar em Ian para alimentar o falcão. O coração de Ian se alegrou, e cuidou do falcão azul até que suas penas brilhassem como o céu, e o gigante ficou muito satisfeito; então, um dia lhe disse:

- Há tempos que meus irmãos do outro lado da montanha têm me rogado para visitá-los, mas eu nunca pude ir por temer por meu falcão. Agora acho que posso deixá-lo com você por um dia, e estarei de volta antes do anoitecer.

Mal o gigante sumiu de vista na manhã seguinte, e Ian Direach capturou o falcão, jogou um pano sobre sua cabeça e correu para a porta. Mas os raios de sol perfuraram a espessura do tecido, e assim que passaram do batente da porta o falcão deu um salto e uma de suas penas tocou o pilar, que gritou, e invocou de volta o gigante em três passos. Ian Direach estremeceu quando o viu; mas o gigante apenas disse:

- Se você deseja meu falcão, primeiro deve me trazer a Espada Branca de Luz que está na casa das Grandes Mulheres de Dhiurradh.

- E onde elas vivem? - perguntou Ian.

Mas o gigante respondeu:

- Ah, isso cabe a você descobrir. - Ian não ousou dizer mais nada, e partiu correndo para o deserto. Lá, como esperava, encontrou sua amiga, Gillie Mairtean, a raposa, que lhe disse para jantar e deitar para dormir. Quando acordou na manhã seguinte, a raposa disse:

- Vamos para o litoral. - E para o litoral eles foram. Depois de terem alcançado o litoral e observado o mar que se estendia diante deles, e a ilha de Dhiurradh no meio dele, a alma de Ian se angustiou, e se virou para Gillie Mairtean e perguntou por que o trouxera para lá, pois o gigante, quando o enviou, sabia muito bem que sem um barco nunca encontraria as Grandes Mulheres.

- Não desanime, - respondeu a raposa, - É muito fácil! Eu me transformarei em um barco, e você irá a bordo de mim, e eu levarei você sobre o mar para as Sete Grandes Mulheres de Dhiurradh. Diga a elas que você é perito em polir prata e ouro, e no fim elas irão aceitá-lo como criado, e se você for cuidadoso e agradá-las, então elas darão a você a Espada Branca de Luz para deixá-la mais brilhante e reluzente. Mas quando você tentar roubá-la, tome cuidado para que a bainha não toque em nada dentro da casa, ou o mal se abaterá sobre você.

Então Ian Direach fez todas as coisas que a raposa lhe disse, e as Sete Grandes Mulheres de Dhiurradh o aceitaram como criado, e por seis semanas ele trabalhou tão arduamente que suas sete senhoras disseram uma para a outra: "Nunca houve um criado com tamanhas habilidades para fazer com que tudo ficasse tão brilhante e reluzente como esse. Vamos dar a ele a Espada Branca de Luz para polir como o resto."

Então pegaram a Espada Branca de Luz do armário de ferro onde ficava pendurada, e lhe ordenaram que esfregasse até que conseguisse ver seu rosto na lâmina brilhante; e assim o fez. Mas, um dia, quando as Sete Grandes Mulheres estavam afastadas, ele pensou que o momento havia chegado para levar consigo a espada, e, substituindo-a em sua bainha, ele a içou sobre o próprio ombro. Mas, assim que passava pela porta, a ponta da bainha a tocou, e a porta soltou um grito. E as Sete Grandes Mulheres ouviram e vieram correndo, tomaram a espada dele e disseram:

- Se é a espada que você quer, deve primeiro nos trazer o potro baio do Rei de Erin.

Humilhado e envergonhado, Ian Direach partiu da casa, e se sentou à beira do mar. Logo Gille Mairtean, a raposa, veio até ele.

- Vejo claramente que não prestou nenhuma atenção em minhas palavras, Ian Direach. - disse a raposa. - Mas coma primeiro, e mais uma vez eu irei ajudá-lo.

Com tais palavras, a coragem retornou ao coração de Ian, e ele juntou galhos, fez uma fogueira e comeu com Gillie Mairtean, a raposa. Por fim, dormiu na areia. Ao alvorecer da manhã seguinte, Gillie Mairtean disse para Ian Direach:

- Eu me transformarei em um barco, e levarei você através dos mares até Erin, para a terra onde vive o rei. E você deve se oferecer para servir em seu estábulo, cuidar de seus cavalos, até que, por fim, ele ficará tão contente que dará a você o potro baio para lavar e escovar. Mas, quando você fugir com ele, entenda que nada exceto a sola dos cascos dele devem tocar no chão dentro dos portões do palácio, ou o mal se abaterá sobre você.

Depois de assim aconselhar Ian Direach, a raposa transformou-se em um barco e navegou para Erin. E o rei do país deixou seus cavalos nas mãos de Ian Direach, e nunca suas peles brilharam tanto ou seus trotes foram tão velozes. O rei ficou muito satisfeito, e no fim do mês procurou por Ian e lhe disse:

- Você me ofereceu um serviço leal, e agora vou confiar a você a coisa mais preciosa do meu reino. - Ao dizer isso, levou Ian Direach ao estábulo onde estava o potro baio. E Ian acariciou-o, alimentou-o, e galopou com ele ao longo de todo o país, até que pudesse deixar um vento para trás e apanhar outro à sua frente.

- Eu irei caçar, - disse o rei certa manhã enquanto olhava Ian cuidar de seu potro no estábulo. - Os cervos desceram a colina, e essa é a hora de caçá-los. - Então ele se foi; e quando saiu de vista, Ian Direach conduziu o potro para fora do estábulo e saltou em seu dorso. Mas, enquanto cavalgavam para o portão, que ficava entre o palácio e o mundo exterior, o potro sacudiu sua cauda contra a coluna, que gritou alto. No mesmo instante, o rei voltou correndo e agarrou as rédeas do potro.

- Se você quer meu potro, deve primeiro me trazer a filha do rei da França.

Com passos lentos, Ian Direach foi até o litoral do mar, onde Gille Mairtean, a raposa, esperava por ele.

- Claramente vejo que você não fez como aconselhei, nem nunca fará, - falou Gille Mairtean, - mas eu ajudarei você mais uma vez. Pela terceira vez, eu me transformarei em barco, e nós velejaremos para França.

E para França eles velejaram, e, como ela era o barco, Gille Mairtean velejou para onde queria, e precipitou-se contra uma fenda de um rochedo na terra. Então comandou Ian Direach que fosse até o palácio do rei, dizendo que naufragara, que seu barco atingiu uma rocha, e que ninguém pôde ser salvo além dele.

Ian Direach ouviu as palavras da raposa, e contou uma história tão lamentável, que o reia rainha e a princesa, sua filha, vieram ouvir. E quando tinham ouvido, nada poderia agradá-los mais do que ir até o litoral ver o barco, que agora estava flutuando por causa da maré alta. Estava despedaçado e quebrado, como se tivesse passado por muitos perigos, e ainda assim, uma música maravilhosamente suave vinha dele.

- Trazei um barco, - bradou a princesa, - para que eu possa ver com meus próprios olhos a harpa que ressoa tal música. - O barco foi trazido, e Ian Direach entrou em cena e remou o barco para o lado do barco.

Ele foi para o lado mais distante, para que ninguém pudesse vê-lo, e quando ajudou a princesa a subir a bordo do barco, deu um empurrão no barco, para que ela não pudesse voltar. E a música soava cada vez mais suave, embora nunca conseguissem ver de onde ela vinha, e procuraram por todo canto. Quando finalmente chegaram ao convés e olharam ao redor, não conseguiam ver a terra, nada além das águas.

A princesa ficou em silêncio, e seu rosto tornou-se sombrio. Por fim ela disse:

- Um truque ardiloso você tramou para mim! O que é que você fez, e para onde estamos indo?

- Você será rainha, - respondeu Ian Direach, - pois o rei de Erin me mandou trazê-la até ele, e em troca me dará seu potro baio, que levarei para as Sete Grandes Mulheres de Dhiurradh, em troca da Espada Branca de Luz. Esta levarei para o gigante de Cinco Cabeças e Cinco Pescoços e Cinco Corcovas, e, no lugar dela, ele me concederá o falcão azul, o qual prometi para minha madrasta, que me libertará do feitiço que lançou sobre mim.

- Eu preferiria ser sua esposa, - respondeu a princesa.

O barco foi velejando para o porto da costa de Erin, e lá foi ancorado. E Gille Mairtean, a raposa, mandou que Ian Direach dissesse à princesa que ela deveria esperar algum tempo em uma caverna entre as rochas, pois tinham negócios em terra, e depois voltariam para ela. Então pegaram um barco e remaram até algumas rochas, e assim que tocou a terra, Gille Mairtean transformou-se em uma linda mulher, que sorriu, e disse para Ian Direach:

- Eu servirei ao rei como uma boa esposa.

O rei de Erin estivera caçando na colina, e quando viu um barco estranho velejando até o porto, imaginou que fosse de Ian Direach. Largou sua caçada e correu da colina até o estábulo. Rapidamente, levou o potro baio de sua baia e colocou a sela de ouro sobre ele, e as rédeas de prata sobre sua cabeça, e, segurando as rédeas do potro, correu para conhecer a princesa.

- Eu trouxe para você a filha do rei da França, - disse Ian Direach. E o rei de Erin olhou para a donzela, e ficou satisfeito, sem saber que aquela era Gille Mairtean, a raposa. E se curvou e suplicou para que ela lhe desse a honra de entrar no palácio, e Gille Mairtean, assim que entrou, virou-se para olhar Ian Direach, e sorriu.

No salão de entrada, o rei parou e apontou para uma arca de ferro que ficava em um canto.

- Naquela arca está a coroa que estava à sua espera por muitos anos, - ele disse, - e finalmente você veio até ela. - Abaixou-se para abrir a caixa.

Naquele instante, Gille Mairtean surgiu atrás dele, e deu-lhe tal mordida que ele caiu inconsciente. Rapidamente, a raposa tomou sua própria forma novamente e correu até o litoral, onde Ian Direach, a princesa e o potro baio estavam esperando.

- Eu me transformarei em um barco, - gritou Gille Mairtean, - e vocês irão a bordo de mim. - Assim ela fez, e Ian Direach levou o potro até o barco, e a princesa foi depois dele, e eles velejaram para Dhiurradh. O vento estava a favor deles, e logo avistaram os rochedos de Dhiurradh de frente. Então Gillie Mairtean falou:

- Deixe o potro e a filha do rei escondidos nesses rochedos, e eu me transformarei em um potro e irei com você para a casa das Sete Grandes Mulheres.

Os corações das Sete Grandes Mulheres se encheram de alegria quando viram o potro que Ian levou até sua porta. A mais nova delas pegou a Espada Branca de Luz, e entregou nas mãos de Ian Direach, que tirou a sela de ouro e as rédeas de prata e desceu a colina com a espada onde a princesa e o potro verdadeiro estavam esperando por ele.

- Agora teremos a cavalgada pela qual ansiávamos! - Bradaram as Sete Grandes Mulheres; e selaram e puseram as rédeas no potro, e a mais velha delas montou na sela. Então a segunda irmã sentou-se atrás da primeira, e a terceira atrás da segunda, e assim por diante todas as sete. E quando estavam todas sentadas, a mais velha chicoteou o potro, e o potro andou. Ao longo dospântano s ele voou, e rodeou as montanhas, e então as Grandes Mulheres agarraram-se ao potro e bufaram satisfeitas. Por fim, o potro saltou no ar, e foi para Monadh, a

colina, onde ficavam os rochedos. O potro repousou suas patas dianteiras nos rochedos e jogou suas patas traseiras, e as Sete Grandes Mulheres caíram dos rochedos, e já estavam mortas quando chegaram ao fundo. O potro riu e transformou-se em raposa novamente e galopou até a costa, onde Ian Direach, a princesa, o potro de verdade e a Espada Branca de Luz a aguardavam.

- Eu me transformarei em um barco, - disse a raposa, - e levarei você, a princesa, o potro e a Espada Branca de Luz de volta para a terra. - E quando chegaram de volta à costa, a raposa assumiu sua forma e falou com Ian Direach desta maneira:

- Deixe a princesa, a espada Branca de Luz e o potro entre as rochas, eu tomarei a forma da Espada Branca de Luz e você me levará até o gigante, e, em troca, ele dará a você o falcão azul. - Ian Direach fez o que a raposa mandou e foi até o castelo do gigante. De longe o gigante avistou o fogo da Espada Branca de Luz e seu coração se alegrou; e pegou o falcão azul, colocou-o em uma cesta e deu a Ian Direach, que o levou rapidamente para onde a princesa, o potro e a verdadeira Espada Branca de Luz o aguardavam.

O gigante estava tão contente de possuir a Espada Branca de Luz que cobiçara por tantos anos, que imediatamente a girou pelo ar, cortando e golpeando com ela. Por algum tempo Gille Mairtean deixou o gigante brincar com ela dessa maneira; então se virou na mão do gigante e cortou seus cinco pescoços, de modo que as cinco cabeças rolaram no chão. Depois voltou para Ian Direach e lhe disse:

- Sele o cavalo com a sela de ouro, coloque as rédeas de prata e amarre a cesta com o falcão em seus ombros, segure a Espada Branca de Luz com a parte de trás contra seu nariz. Em seguida, monte o potro, deixe a princesa montar atrás, e cavalgue assim de volta para o palácio de seu pai. Mas cuide para que a parte de trás da espada fique sempre contra seu nariz, senão, quando sua madrasta o vir, ela o transformará em um feixe seco. Se, no entanto, você fizer como eu digo, ela se tornará um feixe de varas.

Ian Direach escutou atentamente as palavras de Gille Mairtean, e sua madrasta caiu como um feixe de varas diante dele, e ele ateou fogo nela, e se livrou de seus feitiços para sempre. Depois se casou com a princesa, que foi a melhor esposa de todas as ilhas do Ocidente. Daí em diante, estava a salvo de perigos, pois não tinha o potro baio que poderia deixar um vento para trás e pegar outro, e o falcão azul para lhe trazer caça para comer, e a Espada Branca de Luz para perfurar seus inimigos?

Ian Direach soube que tudo isso devia a Gillie Mairtean, e fez um pacto com ela para que pudesse escolher qualquer animal entre seus rebanhos sempre que sentisse fome, e que, daí em diante, nenhuma flecha voaria contra ela ou contra qualquer outra criatura de sua espécie. Mas Gillie Mairtean não aceitou nenhuma recompensa pela ajuda que deu a Ian Direach, apenas sua amizade. Assim, todas as coisas prosperaram na vida de Ian Direach até sua morte.

# A América não existe

\*

**PETER BISCHSEL**

título original:  
AMERIKA GIBT ES NICHT

tradução:  
EVELYN PETERSEN

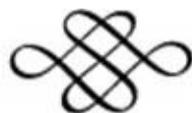
Peter Bichsel, nascido em 1935, é um escritor suíço conhecido especialmente por seus contos escritos na forma de histórias infantis destinadas a adultos. Suas obras mais conhecidas são a coletânea de contos *Eigentlich möchte Frau Blum den Milchmann kennenlernen* (Na verdade a Sra. Blum gostaria de conhecer o leiteiro), de 1964, uma das primeiras a serem publicadas, e *Kindergeschichten* (Histórias de crianças), de 1968, coletânea da qual procede o conto aqui traduzido, *A América não existe*. Seus temas geralmente giram em torno das implicações fantásticas no universo mental das personagens resultantes do modo peculiar e obstinado com que tratam a linguagem.

**Evelyn Petersen** é formada em Letras-Alemão e faz mestrado em Filosofia.

E-mail: [evelynpetersen@gmail.com](mailto:evelynpetersen@gmail.com)

# A América não existe

© Peter Bichsel



Eu sei a história de um homem que conta histórias. Disse a ele várias vezes que não acredito em sua história.

- Você está mentindo - eu disse -, você está trapaceando, fantasiando, enganando.

Como isso não o afetava, ele continuou, impassível, a contar. E quando eu gritei: - Seu mentiroso, trapaceiro, fantasioso, enganador! -, ele me observou por um bom tempo, balançou a cabeça, abriu um sorriso triste e então disse, de uma maneira tão calma, que eu quase tive vergonha de mim: - A América não existe.

A fim de consolá-lo, prometi que iria escrever história dele.

Ela começa há 500 anos, na corte de um rei, o rei da Espanha. Um palácio, seda e veludo, ouro, prata, barbas, coroas, velas, criados e criadas; cortesãos que ao alvorecer atingem-se mutuamente na barriga com suas espadas, e que, na noite anterior, haviam lançado suas luvas de duelo diante dos pés. Na torre, vigias que tocam fanfarra. E mensageiros que saltam de suas selas, e mensageiros que montam em suas selas, amigos do rei e falsos amigos do rei, mulheres bonitas e mulheres perigosas, e vinho, e nas redondezas do palácio pessoas que não conheciam outra realidade senão a de pagar por tudo isso.

Mas o rei também jamais conheceu outra realidade que não fosse viver daquele jeito. E não importa o tipo de vida que se leve, seja na fartura ou na miséria, seja em Madrid, Barcelona ou qualquer outro lugar, no final das contas a rotina é a mesma, e logo se entedia dela. Assim, as pessoas que moram em Algures, imaginam Barcelona um lugar bonito, e as que moram em Barcelona gostariam de viajar para Algures.

Os pobres imaginam que seja bom viver como o rei, e lamentam que o rei acredite que ser pobre é a coisa certa para os pobres.

O rei acorda pela manhã e vai dormir ao anoitecer, e ao longo do dia se aborrece com suas preocupações, com seus criados, seu ouro, sua prata, com seu veludo, suas sedas, ele se aborrece até mesmo com suas velas. Sua cama é pomposa, mesmo que não sirva para outra coisa além de dormir.

Pela manhã, os criados prestam reverência inclinando o corpo bem para frente, toda manhã a mesma inclinação de sempre, mas o rei está tão habituado a isso que sequer olha mais. Alguém lhe passa o garfo, alguém lhe passa a faca, alguém lhe empurra a cadeira, e as pessoas que falam com ele dizem "Majestade" e várias outras palavras bonitas, e nada mais além.

Ninguém nunca lhe diz: - Seu paspalho, seu cabeça-de-vento -, e tudo o que

hoje lhe foi dito, já lhe foi dito ontem.

Assim são as coisas.

É por isso que os reis têm um bobo da corte.

Eles podem fazer o que querem e dizer o que querem para fazer o rei dar risada, e assim que o rei deixa de achar graça, ele os mata, ou faz algo parecido.

Então, teve ele certa vez um bobo da corte que alterava as palavras, e o rei achou isso divertido. O bobo dizia “stajesmade” em vez de “majestade”, dizia “lapácio” ao invés de “palácio” e “dom bia” em vez de “bom dia”.

Eu acho isso uma idiotice, mas o rei via graça. Durante toda a primeira metade do ano ele achou graça, até o sétimo dia de julho. No oitavo, quando o rei acordou e o bobo veio dizendo “Dom bia, stajesmade”, o rei disse: – Cortem a cabeça deste bobo!

Um outro bobo, um gordo baixinho chamado Pepe, agradou ao rei somente por quatro dias, conseguindo arrancar risadas do rei ao passar mel na cadeira de damas e cavaleiros, príncipes e condes, barões e cavaleiros. No quarto dia ele passou mel na cadeira do rei, e disso o rei não foi capaz de rir, e Pepe deixou de ser bobo da corte.

Então o rei contratou o bobo da corte mais tenebroso do mundo. Ele era feio, magro e gordo, alto e baixo, tudo ao mesmo tempo, e sua perna esquerda era completamente arqueada. Ninguém sabia se ele era capaz de falar e não falava de propósito ou se era mudo. Seu olhar era maldoso, seu rosto, ranzinza; a única coisa apreciável nele era seu nome: chamava-se Joãozinho.

A coisa mais horripilante, porém, era a sua risada. Ela começava bem discreta e opaca lá no fundo da barriga, e aos poucos subia, ruidosa, na forma de um arrote, deixando a cabeça de Joãozinho vermelha e quase o levando à asfixia, até que ele explodia em gargalhadas, estourava, grunhia e berrava; e então batia os pés no chão, estrepitando, rindo e dançando. Apenas o rei achava graça nisso, os outros ficavam pálidos, começavam a tremer e se amedrontavam. E quando as pessoas ao redor do castelo ouviam a risada, elas trancavam as portas e janelas, fechavam as lojas, levavam as crianças para cama e tampavam os ouvidos com cera.

A risada de Joãozinho era a coisa mais medonha que havia.

Seja lá o que o rei dissesse, Joãozinho ria.

O rei dizia coisas sobre as quais ninguém consegue rir, mas Joãozinho ria. Até um dia em que o rei disse: – Joãozinho, eu vou enforcar você. E Joãozinho riu, gargalhou, riu como nunca antes.

O rei decidiu, portanto, que Joãozinho deveria ser enforcado no dia seguinte. Mandou construir uma forca, e tal decisão era para ele algo sério, pois desejava ouvir Joãozinho rir diante da forca. Então ordenou que todas as pessoas assistissem ao repugnante espetáculo. Mas as pessoas se esconderam e aferrolharam as portas, e pela manhã o rei estava sozinho com o algoz, com os servos e o risonho Joãozinho.

E gritou aos seus servos: – Tragam-me mais gente! Os servos procuraram por toda a cidade e não acharam ninguém, e o rei estava furioso, e Joãozinho ria.

Até que finalmente os servos encontraram um garoto e o arrastaram até o rei. O garoto era pequeno, pálido, tímido, e o rei apontou para a forca e ordenou-lhe

que assistisse.

O garoto olhou para a forca, sorriu, bateu palmas, ficou maravilhado e então disse: - O senhor deve ser um bom rei por ter construído um banquinho para os pombos se apoleirarem; veja, dois deles lá já pousaram.

- Você é um pateta - disse o rei, - como se chama?

- Eu sou um pateta, Senhor rei, e me chamo Colombo, mas minha mãe me chama de Colombino.

- Seu pateta - disse o rei -, alguém vai ser enforcado aqui.

- Como ele se chama? - perguntou Colombino, e ao ouvir o nome, ele disse: - Um belo nome! Então se chama Joãozinho. Como alguém pode enforcar um homem com um nome tão bonito?

- A risada dele é tão pavorosa - disse o rei, e ordenou que Joãozinho risse, e Joãozinho riu de um modo duplamente mais pavoroso que no dia anterior.

Colombino ficou estupefato, e então disse: - Senhor rei, o senhor acha isso pavoroso? - O rei estava surpreso e não conseguiu responder, e Colombino prosseguiu: - Pessoalmente, não me agrada a risada dele, mas os pombos continuam a pousar na forca. Ela não os espantou, eles não consideram a risada pavorosa. Pombos têm um ouvido aguçado. É preciso deixar Joãozinho ir embora.

O rei refletiu e então disse: - Joãozinho, vá para o quinto dos infernos.

E pela primeira vez Joãozinho falou uma palavra. Ele disse à Colombino: - Obrigado! -, e fora isso riu de uma maneira decente e graciosa, e foi embora.

O rei nunca mais teve um bobo da corte.

- Venha comigo - disse o rei a Colombino.

Os criados e as criadas, os duques e todos os outros acreditavam, no entanto, que Colombino era o novo bobo da corte. Mas Colombino não era nem um pouco engraçado. Ele ficava lá parado, atônito, raramente dizia uma palavra e não ria, apenas sorria e não fazia ninguém rir.

- Ele não é um bobo, ele é um pateta - diziam as pessoas, e Colombino dizia: - Eu não sou bobo, sou um pateta.

E as pessoas riam dele.

Se o rei soubesse disso ele teria ficado zangado, porém Colombino não lhe disse nada, pois não se importava que outros rissem dele. Na corte havia pessoas fortes e pessoas sagazes, o rei era um rei, as mulheres eram bonitas e os homens corajosos, o padre era devoto e a cozinheira eficiente - só Colombino, Colombino não era nada.

Quando alguém dizia: - Venha, Colombino, lute comigo -, dizia Colombino: - Eu sou mais fraco que você.

Quando alguém dizia: - Quanto é duas vezes sete? -, dizia Colombino: - Eu sou mais burro que você.

Quando alguém dizia: - Você se aventura a pular no riacho? -, dizia Colombino: - Não, eu não tenho coragem.

E quando o rei perguntava: - Colombino, o que você quer ser? -, respondia Colombino: - Eu não quero ser nada, eu já sou alguma coisa, sou Colombino.

O rei disse: - Você precisa ser alguma coisa -, e Colombino perguntou: - É possível ser o quê?

Então disse o rei: - Aquele homem com barba, com aquele rosto amorenado, ressecado pelo sol, é um navegador. Ele quis ser um navegador e se tornou um navegador, ele veleja sobre os mares e descobre países para seu rei.

- Se quiser, meu rei - disse Colombino -, eu me tornarei um navegador.

Isso fez a corte inteira cair no riso.

E Colombino correu para fora do salão e gritou: - Eu descobrirei um país, eu descobrirei um país!

As pessoas se olharam e balançaram a cabeça, e Colombino correu para fora do castelo, atravessou a cidade e passou sobre o campo, e aos camponeses que cultivavam a terra e para ele olhavam, gritava: - Eu descobrirei um país!

E foi para a floresta e escondeu-se entre os arbustos durante semanas, e durante semanas ninguém ouviu qualquer coisa sobre Colombino, e o rei ficou triste e se recriminava, e os cortesãos se envergonhavam por terem rido de Colombino.

E ficaram felizes quando, depois de muitas semanas, o vigia da torre tocou a fanfarra e Colombino apareceu sobre os campos, vindo da cidade, e, passando pelo portão, colocou-se em frente ao rei e disse:

- Meu rei, Colombino descobriu um país!

E como os cortesãos não queriam mais rir de Colombino, fizeram uma cara séria e perguntaram: - Então qual é o nome dele, e onde fica?

- Ele ainda não tem nome, afinal eu acabei de descobri-lo, e ele fica lá longe, para além do oceano -, disse Colombino.

Então o navegador barbudo se levantou e disse: - Bem, Colombino, eu, Américo Vespúcio, vou procurar tal país. Diga-me onde ele fica.

- Você segue pelo mar e então vai sempre em frente, e você deve seguir navegando até chegar ao país, sem nunca duvidar - disse Colombino, que estava com um medo tremendo, pois era um mentiroso e sabia que não havia país algum, e sequer conseguia dormir. Américo Vespúcio, porém, partiu para a busca.

Ninguém sabe para onde ele viajou. Talvez ele também tenha se escondido na floresta.

Eis que toca a fanfarra, e Américo voltou.

Colombino ficou vermelho e não se atrevia a olhar para o grande navegador. Vespúcio colocou-se diante do rei, piscou para Colombino e disse em alto e bom som a fim de que todos pudessem ouvir: - Meu rei -, então disse ele, - meu rei, o país existe.

Colombino estava tão feliz com o fato de Vespúcio não tê-lo traído que correu até ele, abraçou-o e exclamou: - Américo, meu estimado Américo!

E todos acreditaram que este era o nome do país, e nomearam o país que não existe de "América".

- Agora você é um homem, disse o rei a Colombino, - de agora em diante você se chamará Colombo.

E Colombo ficou famoso, e todos se maravilhavam diante dele e cochichavam: - Foi ele quem descobriu a América.

E todos acreditavam que a América existia; só Colombo não estava tão seguro. Durante sua vida inteira ele duvidou disso e nunca ousou perguntar ao navegador sobre a verdade. No entanto, logo outras pessoas viajaram para a América e depois

muitas outras; e aquelas que voltavam, declaravam: - A América existe!

- Eu - disse o homem que me contou essa história - eu nunca estive na América. Eu não sei se a América existe. Talvez as pessoas finjam que sim, somente para não desapontar Colombino. E quando duas pessoas falam sobre a América, ainda hoje piscam uma para outra, e quase não dizem "América", mas na maioria das vezes algo vago como 'os esteites' ou "terra-do-tio-sam", ou algo assim. Talvez se diga às pessoas que querem ir para a América, no avião ou no navio, a história de Colombino, e então elas se escondem em algum lugar e voltam depois e falam sobre cowboys e arranha-céus, sobre as cataratas de Niágara e do Mississippi, sobre Nova Iorque e São Francisco.

De todo modo, todos contam a mesma coisa, e todos contam sobre coisas que já sabiam antes da viagem; e isso é deverassuspeito.

Mas as pessoas ainda discutem sobre quem realmente foi Colombo.

Eu sei.



# O freguês dela

\*

## BERNARD MALAMUD

título original:  
STEADY CUSTOMER

tradução:  
MARCIO DE PAULA STOCKLER HACK

Bernard Malamud nasceu em Nova York, em 1914, e faleceu em 1986. Compõe o time de grandes escritores americanos de origem judaica, como Philip Roth, Isaac Bashevis Singer e Saul Bellow, que sobre ele observou: “O timbre de uma verdade emocional própria e alcançada a duras penas está sempre presente nas palavras de Malamud.”

Este conto, *Steady Customer*, foi originalmente publicado em agosto de 1943, na revista *New Threshold*, e pela primeira vez em livro na coletânea *The Complete Stories of Bernard Malamud*, de 1997.

**Marcio Hack** é tradutor. Já traduziu obras de Peter Singer, Agatha Christie e Julia Annas, entre outros autores.

# O freguês dela

## © Bernard Malamud



As duas garçonetes da hora do almoço haviam recebido a notícia triste do sr. Mollendorf, ao chegar para o trabalho, às dez e meia, e passaram o restante do dia com os olhos vermelhos e inchados do choro. Na calmaria após o almoço, ficaram sentadas no banco em frente ao espelho da parede, na parte de trás do restaurante; olhavam para as mesas vazias de Eileen e começavam a chorar outra vez. Às quatro, depois que as duas meninas que trabalhariam de noite haviam pendurado suas capas-de-chuva e guarda-chuvas, e vestido os uniformes, Gracie e Clara lhes deram a notícia, e as quatro começaram a chorar.

- Ela só tinha vinte e oito anos, - choramingou Mary, e os soluços iam ficando mais altos quando imaginavam Eileen morta no hospital após a operação da vesícula.

Às quatro e quinze, o sr. Mollendorf, cozinheiro e dono do restaurante, saiu da cozinha em seu avental e chapéu de mestre-cuca, e pediu que elas por favor se controlassem e pusessem as mesas para a noite. Era triste o que tinha acontecido, mas aquilo era um comércio do qual todos tiravam seu sustento, e não era bom para os fregueses serem servidos por um bando de mulheres chorosas. Ao dar meia-volta para retornar à cozinha, o sr. Mollendorf teve uma ideia e disse, - Quem de vocês quer ficar com as mesas da Eileen hoje à noite?

Ninguém abriu a boca. Ficaram quase horrorizadas ao pensar no assunto.

- Quem pegar hoje à noite pode ficar com elas daqui em diante, - disse o sr. Mollendorf.

Ninguém respondeu. Elas sabiam que as mesas de Eileen eram as melhores do restaurante, que rendiam pelo menos um dólar a mais de gorjeta a cada noite, mas ninguém disse palavra.

- Bom, que tal você, Gracie? Você era a melhor amiga dela, - disse o chefe.

- Não, por favor, não, sr. Mollendorf. Não dou conta, juro.

- Clara? Um pouquinho a mais de dinheiro não seria mau.

- Não, obrigada, sr. Mollendorf.

- Mary?

- Não, senhor.

- Elsie?

- Não, obrigada.

O sr. Mollendorf deu de ombros. - Sendo assim, tudo bem, - disse. - Agora vou ter que ligar para a agência pedindo uma nova menina, e passar as melhores mesas para ela.

As meninas, todas arrumadas em seus imaculados uniformes preto e branco,

ficaram em silêncio. Pareciam todas tão assustadas que o sr. Mollendorf sentiu pena delas.

- Está certo, meninas, - ele disse numa voz bondosa, - não se preocupem. Eu também estou triste. Ela era uma ótima pessoa, ótima mesmo, e tinha só vinte e oito anos. - Limpou os olhos com as costas das mãos e voltou para a cozinha.

- Ele até que não é má pessoa, - disse Mary. Todas concordaram que o sr. Mollendorf era boa gente. Elas arrumaram as mesas para a noite. A tarde se arrastava, e lá fora começou a chover mais forte.

- Até o céu tá chorando, - disse Mary.

- Acho que hoje o jantar não vai prestar, - falou Clara.

- Não faz mal, - respondeu Elsie. - Não estou a fim de trabalhar mesmo, pensando nela morta numa cama de hospital.

- Lembrei de uma coisa, - falou Gracie baixinho.

- O quê?

- O... o freguês dela -

As meninas haviam esquecido dele. Mesmo sem querer, começaram a chorar de novo.

- Quando ele chegar, não vou deixar nenhuma menina nova servir a mesa dele, - Gracie disse a elas. - Vou lá servir pessoalmente.

- Você tá certa, Gracie. Não pode deixar que uma desconhecida dê a notícia. Seria... bem, não seria certo.

Às cinco e meia, a nova garçonete chegou da agência. Ela trazia o uniforme em uma caixa de papelão da Klein. O sr. Mollendorf disse a Gracie que a levasse lá embaixo para que a menina trocasse de roupa, e que então lhe desse o cardápio e mostrasse onde ficavam as coisas. Gracie levou a nova garçonete, que se chamava Rose, para a sala dos armários. Depois contou a Rose sobre Eileen e a cirurgia.

- Sinto muito, - disse Rose, - de verdade mesmo. Eu não quero enriquecer às custas dos mortos.

- Não, ninguém quer.

- Eu com certeza não.

Gracie contou sobre o freguês de Eileen. - Quando ele chegar, você se importa de eu ir servir? - perguntou. - Sabe como é, assim não fica tão impessoal.

- Entendo perfeitamente, - disse Rose. - Qualquer coisa que eu puder fazer, faço de bom grado.

- Brigada.

- Eles estavam namorando?

- Bem... na verdade não, mas não demorava. Ele tem vindo aqui toda noite nos últimos dois anos, e sempre senta na mesa da Eileen. Ela sabia direitinho o que ele queria. Ele pede só a carne, o resto é sempre o mesmo. Primeiro, come salada de fruta, depois sopa de ervilha com torrada ou sopa de legume - depende do prato do dia - e então pede a carne - ao ponto, com vagem e purê de batata, e depois torta caseira de maçã ou de mirtilo, se for época de mirtilo, e café com creme duplo, porque ele não gosta muito forte. Eileen sabia direitinho o que ele queria. Ele mal precisava abrir a boca.

- Devia estar acostumado com ela.

- É, e gostava dela. No começo era tímido e não puxava muita conversa, mas depois de cinco ou seis meses ela meio que conquistou ele com o sorriso e a simpatia, e ele começou a falar com ela. Eileen sempre dizia que ele era muito inteligente. Sabia tudo sobre as notícias e a guerra e coisas desse tipo.

- Você acha que ele vai reagir mal?

- Acho, - disse Gracie, - acho sim - é por isso que quero contar eu mesma. Sabe como são essas coisas.

- É, eu sei, - disse Rose, romântica.

\*

Rose havia colocado o uniforme, que também era preto com colarinho e punhos brancos, e um avental branco. Um freguês perceberia que era seu primeiro dia ali, pois ela calçava sapatos pretos, ao passo que os das outras meninas eram brancos.

Gracie apresentou Rose às meninas e mostrou-lhe o setor que costumava ser de Eileen. - Ele senta aqui, - disse, apontando para a terceira mesa pegada à parede. - Dá pra saber quem ele é, porque ele é magro e meio loiro, e tá sempre lendo o World-Telegram.

- Se ele aparecer, eu te chamo.

- Isso.

Voltaram para o banco perto do espelho e ficaram lá sentadas, conversando baixinho. Contaram a Rose histórias sobre a bondade de Eileen - de como ela nunca havia casado porque cuidava da mãe velhinha, para a qual os dois irmãos casados não ligavam, de como ela era bonita e tinha bom coração, e nunca ficava brava com quem passasse à sua frente na cozinha, e de como era tão sorridente que todos gostavam dela.

As meninas observaram a água da chuva escorrendo pelas janelas. O restaurante estava vazio, e parecia ainda mais vazio quando olhavam para cada uma das mesas arrumadas tão direitinho, com talheres, guardanapos e toalhas de mesa brancos. Na entrada, o caixa lia um livro, e as garçonetes ficaram lá atrás, na semiescuridão, pensando nas coisas em que se pensa quando alguém acabou de morrer.

\*

- Que horas ele chega? - Rose perguntou a Gracie enquanto pegavam sobremesas na cozinha.

- O normal é às sete e meia.

Rose olhou no relógio de pulso. - São dez pras oito.

- Tem dia que ele não aparece. Vai ver por causa da chuva ele não vem hoje, - disse Gracie.

- Espero que venha.

Quando Gracie voltou para o salão, o viu pendurando o casaco perto da mesa de sempre, e o coração dela parou. Serviu as sobremesas e cruzou o olhar com Rose. Rose procurou e o viu lendo o World-Telegram. Abriu um sorriso sabido. As outras

garçonetes viram a troca de olhares e o ambiente ficou tenso.

Gracie alisou o avental e tentou se acalmar. Decidiu não dizer nada, e deixar que ele perguntasse. Foi até a mesa no setor de Eileen e serviu um copo d'água para o homem. Ele ergueu os olhos do jornal. Eram de um azul opaco, e o cabelo era seco e raleava no topo da cabeça. Ficou um pouco surpreso ao ver Gracie.

- Posso... posso fazer o pedido pra você?

- Sim, senhor. - Daria a notícia quando ele perguntasse onde estava Eileen. Gracie se preparou para o momento. As meninas cuidavam de suas coisas, espiando vez por outra para ver o que estava acontecendo.

- Bem, - ele disse, esfregando de leve a bochecha com dedos longos e ossudos, - eu normalmente peço uma salada de frutas e sopa de ervilha com torradas. Depois hoje vou querer filé picado - ao ponto, por favor, e vagem e purê de batata.

Gracie anotou às pressas.

- Normalmente peço torta de mirtilo e café com creme duplo de sobremesa.

Ela fechou o bloquinho e ficou parada por alguns instantes, esperando que ele perguntasse por Eileen, mas o freguês voltou para o jornal. Gracie ficou decepcionada. Ele ergueu os olhos mais uma vez.

- Eu... algum problema?

- Não, senhor. - Ela voltou para a cozinha a passos largos, o rosto duro como pedra.

\*

Duas das meninas se reuniram à sua volta na cozinha.

- Contou pra ele? - perguntou Mary.

- Não, ele nem perguntou onde ela estava.

O rosto de Mary se abateu.

- Ah, - exclamou, decepcionada.

- Homem é assim mesmo, - filosofou Clara. - Não sabe se você está viva ou morta e está pouco se lixando.

- É, disse Gracie.

- Vai ver ele acha que ela tá de folga hoje, - sugeriu Mary.

Gracie se animou.

- Ei, pode ser, - disse, - mas também ele sabe que a folga dela é quinta, e hoje é terça.

- É, mas quem sabe ele não esqueceu?

- Conta logo, - disse Clara, - conta logo pra ver como ele reage.

- É, acho que vou contar.

Gracie pegou o pão e a manteiga, um pouco de verdura e uma salada de frutas. Ela pôs a comida na mesa do freguês, que baixou o jornal.

- Senhor, - falou.

Ele ergueu os olhos, quase assustado.

- Já que o senhor é um freguês fiel, - disse ela, - achei que gostaria de saber que Eileen, a menina que costuma servir essa mesa... bom, ela está... ela faleceu essa manhã no hospital, de uma operação na vesícula.

Gracie não conseguiu se controlar. Tinha a boca retorcida, e as lágrimas começaram a descer pelas bochechas. As meninas souberam que ela havia contado.

Ele não sabia o que dizer. Engoliu a seco e ficou constrangido, olhando em torno nervosamente para as outras mesas.

- En-entendi, - disse, a voz estranhamente descontrolada. - Sinto muito. - Seus olhos voltaram para o jornal. Gracie piscou para expulsar as lágrimas de seus olhos e apertou com força os lábios. Se afastou a passos rápidos.

- Ele que vá pro inferno, - disse para Clara na cozinha. - Pro inferno. Espero que morra.

- Merece, - disse Clara.

Gracie chamou Rose. Arrancou a comanda dele do bloco de pedidos.

- Toma, - disse ela, - fica com ele. Não aguento olhar pra cara desse sujeito.

- Você contou? - perguntou Rose.

- Ah, contei, mas o que eu queria dizer mesmo, não disse.

- Homem é tudo igual, - disse Clara.

A notícia circulou entre as outras meninas, e elas o olhavam com desdém quando passavam pela mesa, carregando bandejas cheias. Rose o serviu mecanicamente. Retirou o prato de salada de frutas e largou de qualquer jeito o de sopa. Ele pareceu não notar, os olhos fixos no jornal.

As meninas estavam zangadas e falavam sobre ele na cozinha.

- Ele devia mostrar um pouquinho de lealdade, - disse Mary.

- Nem perguntou nada?

- Não, só disse 'Entendo. Sinto muito' - todo frio, e não falou mais nada.

- Queria enfiar o filé picado goela abaixo dele, - disse Rose com veemência.

- Eu também, - disse Clara.

Elas saíram de novo, mas não conseguiam controlar os olhares. Não demorou para que os outros fregueses comesçassem a encarar o homem. Pelo desprezo que viam nos rostos das garçonetes, percebiam que algo havia de errado.

Em um dado momento, ele ergueu os olhos e viu que o encaravam. Baixou-os bem rápido, e sua mão tremeu ao cortar a carne. Então, de repente, limpou a boca e colocou o guardanapo na mesa. Pegou a comanda e também o chapéu e o casaco no gancho da parede. Seu rosto estava muito pálido. Pagou a conta rapidamente e saiu.

As meninas estavam atônitas. Ficaram ali paradas, bandejas ao alto. Quando a porta se fechou atrás do homem, pegaram alguns pratos sujos e correram até a cozinha.

- Você viu isso? - perguntou Clara. - Ele foi embora antes de acabar de comer.

- Deve ter se sentido mal por causa de Eileen, - disse Mary.

- Vai ver percebeu o jeito que a gente olhava pra ele, - disse Gracie.

- Não, acho que não. Eu acho que Mary está certa, - respondeu Clara. - Tem homem que é assim. Eles não falam muito, mas por dentro estão se roendo.

- Não sei, - disse Gracie.

- Pelamor de deus, meninas, - gritou o sr. Mollendorf, - isso aqui é um restaurante, não uma sala de reuniões. Voltem pras suas mesas.

O grupo se desfez. Elas marcharam para o restaurante através das portas de

vaivém.

- Tenho certeza, - disse Clara a Gracie, - tenho certeza de que ele realmente a amava de todo coração.



# O Fundo do Abismo

\*

**BARRY PAIN**

título original:  
THE BOTTOM OF THE GULF

tradução:  
ALEXANDRE SOARES SILVA

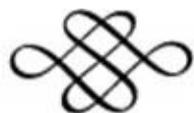
Barry Pain, hoje esquecido, foi conhecido na sua época como autor de romances cômicos *The Octave of Claudius* (1897) e *The Exiles of Faloo* (1910). Como muitos grandes escritores de língua inglesa do período eduardiano, Pain escreveu vários contos de horror sobrenatural, de qualidade acima da média, e foi admirado por R.L.Stevenson, Alfred Noyes e H.P.Lovecraft. Era um autor inteligente e hábil, e é de se esperar que a disponibilidade da sua obra na internet lhe dê uma sobrevida.

A maior parte das suas obras estão disponíveis no domínio público, inclusive duas das suas coleções de histórias sobrenaturais, *Here and Hereafter* (1911) e *Stories in the Dark* (1901), da qual este conto foi tirado.

**Alexandre Soares Silva** é escritor e tradutor.

# O Fundo do Abismo

## Barry Pain



Trezentos e sessenta e dois anos antes de Cristo um abismo se abriu no Fórum Romano, e os adivinhos declararam que ele nunca se fecharia até que o tesouro mais precioso de Roma fosse atirado dentro dele. Diz-se que um jovem chamado Mettus (ou Mettius) Curtius apareceu a cavalo, de armadura completa, e diante de um belíssimo público, dizendo que Roma não tinha posses mais valiosas que armas e coragem, saltou no abismo, o qual imediatamente se fechou sobre ele. Esse episódio, como a maior parte da história lendária de Roma, tem sido submetido a críticas severas. Aqueles que muito precipitadamente desacreditam dele reconsiderarão a sua opinião ao ler o relato, nunca anteriormente publicado, sobre o que aconteceu no fundo do abismo.

Curtius e o cavalo caíram na ordem em que haviam começado, com o cavalo embaixo. Depois de alguns minutos de passagem rápida o cavalo parou de cair[,] de modo um tanto abrupto, quebrou quase todos os ossos do corpo, e morreu. Curtius, o qual, embora um pouco perturbado, estava intacto, sentou no seu cavalo morto e olhou ao redor para ver se descobria o caminho mais curto de volta. Quando olhou para cima viu as bordas mais altas da caverna se juntarem, e a luz do dia foi vedada. Mas uma curiosa luz esverdeada ainda persistia na caverna onde se encontrava, e de uma das suas reentrâncias veio uma voz que espantou Curtius consideravelmente. Ela disse em tom de pergunta:

- Você se machucou?

- Não muito, - respondeu Curtius. - Não sabia que havia alguém aqui embaixo. Você me deu um susto. Por favor, saia e me deixe vê-lo.

- Não, obrigado - disse a voz. - Você achou mesmo que ia morrer quando pulou no abismo?

- Claro que sim.

A voz riu uma risadinha maldosa.

- E vai mesmo. Vai morrer sufocado, devagar, quando o ar da caverna tiver acabado.

- Então é melhor a gente começar a trabalhar agora mesmo - disse Curtius. - Tenho uma espada excelente aqui, e um par de adagas. Eu me equipei especialmente para esta ocasião. Não caí tão fundo quanto esperava, e se nós dois trabalharmos duro, vamos conseguir abrir um caminho para fora.

- Obrigado, - disse a voz, - mas eu não vou fazer nada. Não sou da mesma espécie que a sua. Não preciso do ar do mundo exterior. Na verdade não tenho boa opinião do mundo exterior, nem dos seus melhores espécimes. É por isso que vivo aqui embaixo. Você tem que morrer. Desculpe, mas não tem outro jeito. Fiz a

armadilha, e peguei você, e se você é o melhor espécime que eles encontraram lá em cima, a minha baixa opinião deles foi confirmada.

- Como assim, "armadilha"? - perguntou Curtius.

- Bom, fui eu quem fez o abismo se abrir, sabendo o tipo de tolice que os seus adivinhos iam dizer sobre isso. Fiquei sentado aqui me perguntando o que eu ia receber. Não ficaria espantado se recebesse um bando de virgens vestais. Elas teriam exclamado, "Pureza e devoção", em vez de "Armas e coragem", e haveria aplausos entusiasmados, é claro. Ou teria sido uma matrona já velha, com alguma idiotice qualquer sobre Roma não ter nada mais precioso que o amor das suas mãos. Podia ter sido um adivinho, podia ter sido qualquer coisa. Por acaso foi você, e eu penso muito mal de você. Armas? Que utilidade você acha que vão ter esses badulaques de lata que você pendurou aí na cintura? Coragem? Ora, santa paciência, você não tem coragem nenhuma.

- Tenho sim - Curtius disse com firmeza. - Eu achava que ia morrer, e ainda estou disposto a morrer.

- Só por um instante, - disse a voz, - quando você tinha toda aquela turba de cretinos à sua volta o aplaudindo. O aplauso é um intoxicante, e você se embriagou com ele. Agora está sóbrio de novo, e não quer morrer de jeito nenhum. O homem que é capaz de morrer sozinho, de modo devagar e terrível, esse é corajoso. Mas você não tem mais coragem que um pedaço de barbante mastigado e cuspidado. Você está branco como giz

- É o efeito da luz verde - interpôs Curtius.

- Bobagem! - a voz replicou. - Luz verde não faz um homem tremer dos pés à cabeça, faz?

- É só o choque da queda - disse Curtius. - Mas não posso ficar aqui parado discutindo com você. Vou explorar a caverna. Tem que haver um jeito de sair daqui.

- Não tem - disse a voz. - Mas você pode explorar.

- Não posso morrer como um rato numa ratoeira, - disse Curtius, gemendo. E partiu para explorar. Olhou dentro da reentrância de onde a voz tinha vindo e não achou nada. A caverna era enorme. Durante muitas horas ele errou de lá para cá, sem ver uma única fresta no teto que deixasse passar um resquício da luz do dia. Exausto e faminto, por fim se atirou no chão da caverna, e quase de imediato a voz, que havia ficado em silêncio todo esse tempo, começou de novo. Primeiro veio aquele riso baixo e mesquinho; depois ela disse:

- Com fome?

- Exausto de fome - chorou Curtius. - Com sede também. Minha boca está tão seca que mal consigo falar, e parece que não tem uma gota de umidade nesta caverna maldita.

- Não tem, - disse a voz, - e nem uma migalha de comida sequer, com a exceção do seu cavalo, e acho que você não vai conseguir encontrá-lo de novo. Você pode tentar voltar por onde veio, se quiser. Pensando melhor, você não vai morrer sufocado, mas de fome. Isso vai encurtar mais a minha diversão do que eu esperava, mas vou ter que aceitar isso.

- Não posso morrer desse jeito - soluçou Curtius.

- Coragem e armas, - a voz replicou, - são os bens mais preciosos de Roma.

Agente, rapaz; você ainda vai durar mais um pouco.

Então Curtius desembainhou a espada, e foi procurar o dono da voz para matá-lo. Mas não o encontrou. Continuou com a exploração.

Em poucas horas, estava fraco demais para continuar andando. Caiu numa espécie de sono, e quando acordou de novo as suas armas tinham desaparecido.

- Onde está a minha espada? - ele exclamou.

- Está comigo - replicou a voz, parecendo vir do teto da caverna. - Para que você a quer?

- Quero me matar - disse Curtius.

- Se eu devolver a sua espada, você reconhece que você foi só um impostor bêbado e teatral?

- Sim.

- E que você é um covarde, e que está morrendo a morte digna de um covarde?

- Sim.

A espada veio ressoando do teto da caverna até o solo aos pés do herói. Ele a apanhou, e apertou os dentes.



# A Noite Turca

\*

## PAUL MORAND

título original:  
LA NUIT TURQUE

tradução:  
RODRIGO DE LEMOS

Paul Morand, nascido em 1888 e falecido em 1976, foi um escritor e diplomata francês. Tendo estreado nas letras francesas com um livro de poemas nos quais se trai uma evidente influência modernista (*Lampes à l'arc*, 1919), é somente em 1921, com *Tendres Stocks*, (coletânea de histórias curtas prefaciada por Marcel Proust) que Morand se faz conhecido do grande público; seguem-se outros livros de ficção, alguns dos quais se tornam sucessos de livraria (é o caso de *Ouvert la nuit*, de 1922, e de *Fermé la nuit*, de 1923). Devido a suas ligações com o regime de Vichy (pelo qual fora nomeado embaixador na Suíça) e à inimizade do General de Gaulle, Morand viveu, durante o pós-guerra, um período de exílio e de distância com relação ao público francês, ostracismo pouco a pouco atenuado pela ação dos Hussards (grupo de jovens escritores dos anos 50 que se opunham ao romance existencialista e que se reclamavam de sua influência) e, finalmente, pela sua eleição para a Académie française, em 1968. Paralelamente à poesia e à ficção, Morand deixou também uma volumosa obra composta de relatos de viagem (*New York, le Jour et la Nuit*, 1930; *Londres*, 1933; *Bucarest*, 1934; *Venises*, 1971, entre outros) e de retratos de personalidades (dentre os quais *Vie de Maupassant*, 1942; *Giraudoux. Souvenirs de notre jeunesse*, 1948; *Fouquet ou Le Soleil offusqué*, 1961 ; *L'Allure de Chanel*, 1976)

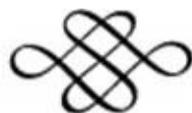
O conto por mim traduzido, "A noite turca" ("*La Nuit turque*"), integra *Ouvert la nuit*. Assim como outras histórias de Morand, "A noite turca" foi traduzido para o inglês nos anos 20 por Ezra Pound.

**Rodrigo de Lemos** é tradutor, escritor e professor de língua francesa na UFCSPA.

E-mail: [rodrigolemos@ufcspa.edu.br](mailto:rodrigolemos@ufcspa.edu.br)

# A Noite Turca

## Paul Morand



O Expresso do Oriente arrastava pela noite seu público trissemanal. O mesmo, sempre. As costureiras francesas e as modistas, de menos idade, voltavam a Constantinopla após uma viagem de reposição de estoques; em Laroche, o perfume de Paris dispersou-se enquanto reapareceram os odores tenazes do Oriente: rosa e bergamota com pimenta. Mulheres do Civil Service vacilavam no corredor com seis bebês louros que, antes de Bombaim, não saberão o que é uma caminha. Oficiais de estado-maior, de bivaque, percorrem a passos largos as plataformas durante a parada, as perninhas curtas esticadas com autoridade. Os franceses têm tantas medalhas que não se lhes vê mais o coração. Os ingleses dormiam tarde e, assobiando, ocupavam o lavabo, esgotando a provisão de água e de toalhas. Famílias israelitas espanholas de Tessalônica, voltando de Vichy onde a sua tez clareou, passavam o dia deitadas, acampadas em perna de índio nas camas desfeitas enquanto as garrafinhas de *chianti* balançavam, suspensas na lâmpada elétrica. Depois tudo dormiu à canção dos eixos, acompanhada de castanholas de aço. Alguém roncou. Bateram com o punho no acaju dos tabiques para fazer entrarem os percevejos. O condutor descansava na entrada do corredor, sentado numa almofada forrada de lei, de liras, de dinares, de dracmas e de liras turcas contrabandeadas, levando também pedras preciosas em papezinhos dobradas sob a túnica de alpaca.

O trem despertou estações suíças, de estilo gótico, fazendo tremerem seus vitrais; durante vinte e nove minutos, deu a ouvir uma grande sinfonia de ferro; depois, levadas o conduziram por sobre os arrozais do Piemonte até uma estação que não dava em nada, numa grande cisterna de sombra, de silêncio, e então foi Veneza. Pela manhã, um vento norte, metálico, ceifou o milho da planície croata. A Sérvia anunciava-se por seus porcos, listrados de preto e branco tal qual corredores, devorando uma carcaça de vagão derrubada numa vala; só restavam as rodas e a sineta de alarme. Rios seguiam-se a outros rios, atravessados por barragens flexíveis como vime, enquanto, ao lado, emergiam os pilares da antiga ponte decapitada nas retiradas. Em Vinkovci, romenos, de veludo, foram destacados do trem na noite gelada. Depois de Sófia, pimentas, irmãs das vinhas virgens, ficaram em frente às casas, para secar. Sob a luz do sol nascente, lavradas pelos bois, as planícies búlgaras ostentavam uma prosperidade simbólica, como nas vinhetas dos selos ou nos versos das moedas. Enfim, depois da travessia do deserto da Trácia, sob um céu de estrelas, mas onde os nossos olhos, acostumados às constelações do Ocidente, buscavam em vão a estrela polar, não reconheciam mais a Carruagem que, rente ao solo, tomava dessa vez uma rota terrestre, em uma

brecha da muralha bizantina, ampliou-se o mar de Mármara.

\*

O barco só partia na manhã do dia seguinte, e restava-me uma noite na cidade. O hotel era intolerável, cheio de faces apáticas, bocas moles, narizes gordurosos, queixos retraídos, pálpebras de crepe pintadas, olhos cortantes de Pera <sup>[2]</sup>. A orquestra começava como um tiro, tocando valsas para os divãs do *fumoir* cobertos de falsos tapetes de Buchara, para as lâmpadas de mesquita feitas de garrafas de soda, para o estado-maior grego, palicários anglômanos, com galões de ouro e pelos pretos. Escoteiros judeus portavam coldres de revólver. Indicaram-me, para jantar, os restaurantes russos. Havia uma meia-dúzia deles para escolher, recém-abertos por refugiados do Sul, e onde senhoras serviam às mesas. Escolhi, no fim de um corredor, na rua principal de Pera, o restaurante Fiodor. No segundo andar, numa peça baixa, um bafo de fumaça, de ruído e de álcool, no qual a corrente de ar dos recém-chegados cavava curiosas cavernas, pairava roçando as cabeças, dividindo horizontalmente a sala. No teto, lâmpadas azuis e lilás: nas paredes, sob palmeiras estilizadas, pintadas em afresco por um artista russo, passeava a alta sociedade moscovita, na cabeça um fez derrisório. Mulheres dançavam ao som de uma orquestra de macacos, que um urso branco de blusa e boné precedia com seu violoncelo. Por cima da fumaça emergia a cabeça do patrão, ex-diretor de cena no teatro de Kiev. Lembrava Chaliapin tal qual se podia vê-lo em seu camarote, no Covent Garden, cantando *A Marselhesa* com o copo na mão na sua derradeira aparição, em 29 de julho de 1914, e pela sua estatura evocava a Rússia tal qual representada ao lado de Montenegro no *Almanaque Hachette*.

Sob a abóbada impalpável, a boa sociedade bebia com gana; alguns ingleses, alguns habitantes de Pera, russos, sobretudo. A *maîtresse de maison*, dançarina no balé imperial, congelada no frio de um casaco de arminho, um colar de pérolas rosa no pescoço, recebia à entrada. Uma orquestra húngara lançava sobre as cabeças, como um laço suave, algumas czardas. As garçonetes estavam sentadas às mesas, pouco habituadas a ficarem em pé. Traziam os pratos, davam ordens, recebiam-nas com uma distinção suave que revelava mulheres de berço. Surpreendiam-se nelas aqui e acolá maneiras naturais, uma tirada refinada, ou, feito com elegância, um gesto habitualmente servil e que chamava a atenção.

Numa mesa não muito longe, convivas bebiam um champanhe grego que, agitado durante a travessia, lançava a rolha ao teto, com uma terrível detonação. Uma caixa de ferro, de um pé de altura e cheia de caviar, garantia a unidade da refeição. Alguns homens acabados, sórdidos e fastuosos como notários em fuga regalavam um oficial acabrunhado por uma barba de dez dias, insígnias de comando fincadas num sobretudo cinturado, enquanto uma senhora muito bela, de cabelos crespos, trazendo às orelhas glandes de ouro que caíam até os ombros, colocava sal no balde de gelo. Depois, uma outra senhora decotada de costas para mim disse em bom francês: “E agora, o que vamos comer?” com tanta autoridade que a tomei pela anfitriã. Mas depois de escolherem o prato, em vez de chamar, ela

tirou do bolso uma caderneta: com um lápis atado ao seu cinto por um cordão, aprontou-se para anotar os pedidos. Acontecia de ela ser ao mesmo tempo a convidada e a garçonete.

Quando se levantou da mesa, empurrando a cadeira para ir à copa e se voltando para mim:

- Anna Valentinova, você por aqui!

- Vejasó !, disse ela, com eloquência. Isso é que é um encontro inesperado.

Desde quando em Constantinopla?

Em vão ela elevava ao máximo as últimas palavras das frases; surpresa alguma aparentava dominá-la. Parecia, como outrora no patamar do hotel, esperar-me para um passeio, a bengala embaixo do braço, pondo as luvas, afastando o chão com um chute

- Sou uma refugiada, disse ela, oferecendo as mãos abertas, com um ar triste; na estrada há dezoito meses e aqui desde a primavera passada. Mas você parece muito bem na sua pele. A minha está toda ressecada e precisando de um tratamento. O salão da rue Lafontaine continua aberto? Fiquei devendo umas quantas massagens.

- Mas me explique...

- Não se pode explicar, acrescentou ela: *Com a razão não se entende a Rússia, só se pode crer na Rússia*. No entanto, dá para contar. Para isso você vai ter de deixar essa mesa; não sou eu quem serve aqui. É a condessa Strakof quem cuida delas.

- Marika, - disse ela a uma jovem morena, corada, o pescoço apertado numa camisa preta, - me deixa levar à minha mesa um dos teus clientes, que é um velho conhecido de Biarritz e que eu quero te apresentar.

A condessa Strakof enxugou-se no avental e estendeu-me uma mão fina, ornada no polegar com um brilhante, a qual beijei. Era o costume no restaurante.

Sentamo-nos a uma mesa. Disse então a Ana que minha alegria em revê-la era imensa e que continuava apaixonado por ela quanto sempre, mas ela me acusou de me aproveitar do seu infortúnio.

- Atencioso, sensual e sério como todo francês. Paixão e segurança, mas todos carinhosamente implicantes, e tão espirituosos! Deram dessa comida há cinco anos para a minha carcaça, - acrescentou, batendo no braço com o cabo da minha faca.

Levantou-se, pois um oficial inglês pedia a conta.

- Daria para acreditar que você só fez isso a vida inteira.

- Sou um bicho russo. Povo de loucos, nós nos habituamos a tudo e desmentimos com o tempo as piores previsões. Não cerramos os punhos e as mandíbulas para nocautear os deuses, como os ingleses; não aceitamos, como vocês, o destino com inteligência e mau humor. Servir é chato, mas não mais do que ser servido e dançar toda noite no Hôtel du Palais.

- Que imagem saudosa. Abril de 1914. A tempestade no Rocher de la Vierge e as ondas subindo até aquele grande apartamento de canto em que você morava coma senhora sua mãe. Como vai a condessa?

- Morreu de tifo um ano atrás, no lazareto turco de Île des Princes. Trinta e cinco membros da minha família faleceram. Perdi tudo, até a independência e a vida

perto da natureza, que consola de tudo: só me distraio com a minha desgraça, que me ajuda muito, na verdade, e que, junto à dos meus companheiros, cria ao meu redor um grande alarido triste e louco que me permite passar o dia... Tem também a corrida de baratas e a leitura quotidiana da lista de suicídios. Mas nada disso me interessa mais. Na mobilização, voltamos à nossa propriedade em Permenikof, na província de Tula: uma casa caiada sob um teto verde. Trabalhos agrícolas, caças à galinha-do-mato, curativos, leitura; a noite ao ar livre, na neve, entre as bétulas, as fogueiras e o barulho dos cavalos. A revolução não mudou nada. Os soldados voltaram do fronte às pencas, nos tetos dos trens. Os que não foram esmagados pelos túneis dividiram entre si as nossas terras. Foi só em 1918 que as coisas desandaram. Os efeitos da revolução são caprichosos como os de um relâmpago. Mesmo com o meu irmão sendo oficial da Guarda, eu e a minha mãe não fomos maltratadas, enquanto a cinco verstas dali, o príncipe Samarin, que está aqui – moro na casa dele – via a sobrinha sendo enterrada viva e o sobrinho esquartejado a garfadas... Numa manhã, uns desertores conduzidos por um sargento do exército vermelho pediram para entrar em Permenikof. Pulei da cama, peguei o meu colar depérolas e joguei nas cinzas do fogareiro. Escondi também os meus anéis e os da minha mãe no pó de arroz.

“Anna Valentinova, favor entregar-me toda a prataria e o dinheiro em espécie que a senhora possui.”

–Obedeci.

“Jure pelos ícones que a senhora entregou tudo.”

–Jurei.

“Me dê agora todas as suas jóias.”

–Coloquei nos seus gorros de pele jóias miúdas, braceletes, diademas de strass.

“Jure que entregou tudo.”

–Estava a ponto de jurar. Mas o sargento estava me olhando. Desviei o olhar.

“Estão no penhor,” eu disse.

– Ele sorriu e não insistiu.

–Acredita que naquele momento o meu único desespero era deixá-los levar uma forminha de quando eu era pequena, uma forminha de cobre com um Kremlin de esmalte branco sobre um fundo azul, e minhas colherezinhas francesas?

“Será que, por bondade,” disse eu corajosamente, “você não poderiam deixar a minha forminha e as minhas colherezinhas francesas?”

–O sargento as entregou, beijou a minha mão, não sem antes me tirar do indicador o cabochão de esmeralda, e se retirou com polidez.

–Um mês depois, bandos de desertores que recuavam diante dos tchecoslovacos percorreram a região, devastando tudo por onde passavam. Tivemos de abandonar tudo em duas horas. Desde então, todos os lugares nos foram inacessíveis; todos os encontros, funestos. Só tive um momento de alegria acima do medíocre; foi a entrada de Denikin em Kiev. Que espetáculo! Os cossacos desfilando em ordem nos cavalos lustrosos, distribuindo farinha, a cidade embandeirada, até os poloneses refugiados cantando, os marujos tocando acordeão; naquele dia nós realmente acreditamos que a Rússia estava livre. Desde então a indisciplina, a desordem, as dificuldades de... da retaguarda... o que eu posso dizer? É sempre assim conosco.

- Wrangel?

- Com certeza. Mas ele não tem dinheiro. Meu irmão que serve na casa dele só ganha dez mil rublos por dia. Como é que ele vai viver com isso? Ele não tem botas e come cebola crua. Stefan Bazarof, aquele oficial com quem eu estava jantando quando você entrou, era coronel no Preobrajensky. Lavava louça em Ialta. Apesar das cartucheiras de prata cinzelada e dos punhais com cabo de topázio, não tem camisa e usa o uniforme direto na pele. Ficamos em Odessa até a entrada dos bolcheviques, depois um navio de guerra inglês nos levou até a Île des Princes. Peguei febre tifoide e quase morri.

“Não temos mais nada. Sobrou este velho rublo de prata pendurado ao meu pescoço com uma fita. Anastásia, que fala doze línguas e tem diploma do Instituto de filologia de Moscou, vende fósforos americanos. Faz dois anos que não durmo em lençóis...”

Dizia essas palavras em um tom queixoso, mas convencional, e nenhuma recordação dolorosa aparentava segui-las. Parecia mesmo às vezes como que feliz por ter saldado essa dívida mística.

A orquestra estava tocando *Phi-Phi*. Submerso na sua harmonia, o primeiro violino, como se a ponto de afogar-se, erguia a cabeça para manter-se um instante ainda acima dos sons.

- Você com uma sequência real e hesitando!

Jogadores desdentados, vestindo pele de cordeiro, abatiam suas cartas como golpes de machado.

Anna me trouxe uma compoteira de frutas e, de pé na minha frente, apanhando o moscatel, continuou:

- O que estou contando deve parecer a você romanesco. Mas tudo na Rússia é romanesco, até a alegria, até o tédio. Tudo é magnetismo. Tem a ver com as mulheres. Elas estão metidas na guerra, na política, na espionagem, nos negócios. Vivem nos trens perto dos generais, nos gabinetes dos ministros, nos bosques, nas prisões, nos rios e não intervêm, como as francesas, para trazer ainda mais bom senso e economia à existência dos homens. Onde quer que a gente esteja, tudo fica extremo. Veja Constantinopla: a miséria é incrível, os gastos mais exorbitantes do que nunca; as pessoas bebem, trapaceiam, se picam, morrem ou fazem negócios com a habilidade de sempre e com uma desonestidade que surpreende mesmo em Pera.

Inventei, para animá-la, o fim do regime atual.

- É, disse ela, - , nós voltaremos quem sabe um dia para a Rússia talvez...

Essa palavrato suave ganhava nela uma entonação sedosa, longínqua. Não delimitava o provir, mas o sublinhava com um traço mal e mal apoiado, como os pinheiros azuis, o horizonte, e criava uma miragem com a qual ela não se iludia. Os próprios termos concretos sofriam essa surpreendente transformação que lhes imprimem lábios russos, tornavam-se como a sombra da verdade, perdiam toda a força. Passava-se a temer que tudo aquilo que ela contava tivesse existido. Desconcertante linguagem em que a própria gramática liberta as palavras ao invés de fixá-las e contém vários passados cada vez mais furtados ao real, nos quais mesmo ontem acaba se tornando duvidoso.

- Talvez...

Ela já pronunciava essa palavra quando voltávamos à noite, ao longo do Ardour, quando, cabelos ao vento, ela dirigia uma 100HP Fiat com o pé na tábua, como uma *troika*. Não gostava muito do então noivo, Vladimir Yermloff, que lhe enviava poemas escritos com sangue. Eu lhe pedia em casamento.

- Temos de esperar, - dizia ela - quem sabe um dia. Tudo é possível, pois tudo traz em germe o seu contrário.

Eu a revi como ela era então, cercada de um charme que matinha todos presos, mas que cessava a alguns passos dela. Entrava-se no seu olhar como em um banho, e seus olhos tinham a cor da água em que o nadador ainda vê o fundo a mais de cem braças da margem. Teria sem problema algum largado tudo para segui-la quando a guerra nos separou.

- Anna, você sabe que estou casado? E com filhos...

Percebi nos seus olhos algo de turvo que por um momento me lembrou aqueles arranjos de esmeraldas. Como os orientais quando encarados, ela virou o rosto.

- Vocênão parece um pai de família. Acho que por toda a sua vida você vai ter essa cara de criança... Veja você, eu tinha razão; sem mim, você encontrou a felicidade.

- Infelizmente, meu coração está cheio de entalhes como uma faca velha de marinheiro. Em que posso ajudar você, Anna?

- Em nada, obrigada. Não preciso de nada. Ganho o bastante para logo poder comprar de volta a minha pelica. Ela está com o judeu. Quando me entregarem, vou ter o bastante para viver de maçãs e ir de trem a Paris, que é mais barato que de barco. Paris é o objetivo de todos, não é?

- Me deixa emprestar o dinheiro da viagem?

- Eu tenho. O velho príncipe Samarin penhorou a minha pelica sem o meu consentimento uma noite, para beber. A questão é que costurei no forro três obrigações da Cidade de Paris de mil francos cada uma que nunca vão me entregar se eu informar o caso para a polícia.

- Vamos logo retirar a sua pelica.

Fui atrás de informações. A loja só fechava depois da meia-noite, ficando aberta até que os últimosbarcos estivessem ancorados, todos trazendo clientes ansiosos por penhorar um objeto e por conseguir a centena de francos necessária para ter uma cama até a manhã.

Somente a uma hora soava o toque de recolher imposto pelo regimento dos Altos Comissários. Anna obteve permissão para deixar o restaurante. A orquestra tocava uma canção lamuriosa e cada vez mais distante, como as vozes de uma tropa afastando-se. Todos os convivas repetiam em coro. A desordem dos talheres, a cinza dos cigarros com pontas longas de papel sobre as toalhas, os copos virados, os gatos angorá vagando de mesa em mesa, os ventiladores empurrando um ar viciado, as falhas do piano, todo esse cenário de devassidão apagava-se frente a esse grave cântico de vozes russas que se elevava até o teto como uma prece de exílio.

- A Rússia não pode morrer, - disse Anna ao sairmos. - Vai saber se a desgraça não está agora mesmo lhe forjando uma alma nova, maior e mais pura? Ceifaram

nossa juventude, mas as crianças crescem. Veja esses russos de Constantinopla, de Bacu, de Vladivostok, de Sacalina; o amor que eles têm pela pátria é intenso. Hoje se precisa de pouco tempo para fundar um império poderoso, ainda menos para abatê-lo. Quem está embaixo na roda pode muito bem amanhã chegar ao ponto mais alto. Não se esqueça disso em Paris... No fundo, não, - disse ela corrigindo-se - eu não acredito no que estou dizendo. Tudo vai morrer; mas isso é preciso que tudo morra para que tudo possa renascer.

Tivemos de descer à residência de Anna a fim de pegar o recibo da sua pelica e o seu passaporte. Ela morava no bairro de prostituição do porto. Fora, a noite estava escura. O vento do mar Negro passava no Bósforo, imenso assovio. Ao longo dos Petits-Champs, carabineiros italianos, guardas franceses, a Military Police de capacete vermelho pareciam espiar pelas esquinas algum criminoso internacional que fronteira alguma podia proteger. À medida que íamos descendendo meninas horrendas, cheias de maquiagem, as tranças descoloridas, as raízes dos cabelos pretas, convidavam os passantes ao *Bar de la belle Crète*. Grandes bondes de ouro como caixas de laca apressavam-se gemendo. No alto da velha torre genovesa de Gálata, ouviam-se as faíscas do almirantado britânico crepitando.

- Quem diria, antes de jantar, Anna, que eu me encontraria aqui, assim, com você? Eu pensava em você bastante. Sabia que eu veria você de novo um dia...

- Eu não.

Íamos por ruas mal pavimentadas, cheias de lixo, onde se abriam cabarés gregos com as bandeiras aliadas pintadas nas vidraças e o retrato de Venizelos com roupa de plantador e óculos escuros no alto da porta. Nas calçadas, turcos tomavam café apesar do vento, sentados em velhos canapés que perdiam o estofamento por horríveis feridas. Sob a luz congelada de um cinema, um cartaz mostrava uma senhora atada a um carro acelerado, mudando de velocidade com os dentes. Nas ruas onde se lia o letreiro: "Rua consignada ao exército francês", um orquestrafone tossia. Um dromedário carregado de legumes, parecido com uma ponte felpuda, barrava o caminho com suas pernas abertas. Casas turcas de madeira de sicômoro, cetim gris, ofereciam ao céu incendiado seus tetos desmoronados. Penetramos por um desvão em um porão onde três pessoas estavam à mesa. Ainda ontem eram os três maiores proprietários de Tula: o príncipe Samarin e suas duas irmãs, Georgina e Aninka, primas de Anna. Tudo cheirava a álcool e a salitre, mais aquele insípido odor russo de caxemira, de pepino e de couro. As duas velhas damas de honra da Imperatriz-mãe traziam, fincada no corpete, a fita da ordem de Catarina. Criavam coelhos sob a cama, rezavam inclinando ante os ícones suas velhas cabeças que os ingleses raspavam em Lemnos por causa dos piolhos e faziam suas refeições em tigelas rachadas com a prataria de família que salvaram do naufrágio. À luz da vela única que, fincada numa garrafa, iluminava a mesa, mostravam as faces pálidas, embrutecidas pelas desventuras.

- Quero voltar à Rússia, - dizia uma delas com queixosa insistência.

- Não podes voltar, - respondia a outra. - Vão te cortar a cabeça.

Fazia uma tesoura com as mãos cruzadas e ria.

O príncipe Samarin ofereceu-me uma cadeira com uma afetação de maneiras nobres. Parecia um São Nicolau mobilizado, no seu longo capote da infantaria inglesa, com uma grande roseta da Legião de honra na botoeira.

- Por gentileza, o senhor tomaria um chá conosco? Lamento não poder oferecer-lhe uma fina xícara Napoleão...

Morto o imperador Alexandre, ele deixara a corte e desposara uma beata muito rica. Pouco tempo depois do casamento, fingiu ter-se convertido e propôs à mulher se fazerem mutuamente herdeiros, depois entrarem para o claustro. Ela aceitou. Quando as portas do monastério se fecharam atrás dela, Samarine saiu do seu, onde tivera o cuidado de não pronunciar voto algum, fez com que se lhe atribuíssem por julgamento os bens da sua mulher e foi a Paris onde passou vinte anos numa vida devassa. Arruinado, voltou a Tula e viveu sustentado sob as asas das irmãs, no campo.

- Paris ainda está tão 'pschutt', 'tão vlan', senhor?, - perguntou ele. - Se diz ainda assim? Me contaram que quem dá o tom por lá agora são os judeus. Veja o senhor a que ponto chegamos. Apresentei minha demissão ao Jockey no dia da eleição do barão Gustave. Bons tempos, senhor.

O samovar Alexandre II com armas dos Samarin cantava.

- Bons tempos. A loteria do Artes decorativas, o circo Molier; *Fifine* vencendo em 5 de junho de 1886 em Auteuil, o baile dos Animais em casa da princesa de Sagan. Eu estava de rato branco. M. de Germiny de macaco, realmente impagável. E, mostrando a assistência, Massa me dizia: 'Semi-castores e peles de luxo!'. Porque ele era espirituoso como o diabo!"

Anna fez como se estivesse indo embora, mas o velho me retinha, bafejando rum na minha cara:

- Por gentileza, senhor, ninguém dirá que um Samarin se contentará em tê-lo recebido assim. O senhor terá de vir um dia a Kolovskaia, às nossas terras. Não demoraremos a voltar para lá. Farei com que beba o meu tokay, presente do imperador Francisco-José; deixarei o senhor caçar meus perdizes da China, meus faisões de Semmering, e o senhor verá meus gamos nutridos a leite de mulher.

- Quero voltar à Rússia, - repetia a velha, exaltada por essas recordações.

E a outra, com as mãos em forma de tesoura e sua monotonia alienada:

-Vão te cortar o pescoço, Georgina; vão te cortar o pescoço!

Tornamos a subir em direção a Pera, Anna dando-me o braço, surgindo a cada lampião, de cinquenta em cinquenta metros, muito pálida sob um chapéu de lona do qual saiam dois tufos de cabelos ruivos cacheados, em um vestido de Jersey preto que a emagrecia, mal dissimulado por um guarda-pó.

Era realmente indiferença ou desejo de não causar piedade que absorviam semelhante aflição? Ou aquela apatia vinha do excesso e do vagar de suas dores e das que presenciara? Teria gostado de dedicar-me a ela, adiar minha partida e reconciliá-la com o destino. Mas ela não parecia querer que abrandassem seu fado e, se eu fizesse alguma alusão, dava contra um desígnio secreto sempre mais firme.

- É aqui Serviço de imprensa russo, - disse Anna. - E aqui está o mapa do fronte Wrangel.

Sob a luz de uma lâmpada elétrica, um fio de lã correndo por Elisabethgrado, Lozolavaia, Slaviansk atravessava um mapa do sul da Rússia, destacando a Criméia, os portos de trigo, as primeiras terras negras, as minas.

- Temos de confiar, - disse Anna, - e não abandonar Wrangel. Veja todos esses aí: estão vivendo dessa espera.

- Você louva a esperança e a recusa a si mesma, Anna.

Em um fôlego:

- Para mim, acabou. - disse ela.

Os russos, em grupos, conversavam, lendo os telegramas, anunciando uns aos outros a chegada dos pacotes da Criméia. Vinham todos juntos se debruçar à borda desse abismo sem fim que é a Rússia vermelha donde só chegavam gritos, tiros, estalos de chicote e nunca notícia alguma dos que nela estão encerrados, nenhum clarão de esperança. Era tarde da noite, e eles ficavam lá, desocupados, gregários e sempre noctâmbulos, em estranhas fantasias, em trajes incríveis. Intelectuais com os cabelos colados de sujeira, de chinelas turcas, continuavam seus sofismas por trás dos seus lornhões de ferro; um ambíguo casal eslavo, sem sexo, sem idade, de salto alto, ternos cinza claro remendados nos joelhos, seguido por um king-charles de mil libras, tagarelava com vozes de cocheiros russos; por último, algo parecido com uniformes. Lanceiros de blusa e chapéu-palheta; a infantaria com os brasões do regimento cosidos na gola de veludo de um redingote; um general de pulôver e roupa de ciclista com a cruz de São Jorge no pescoço dando o braço à velha mãe; coronéis do trem das guarnições, o pescoço apertado em um lenço de sede preta, vendiam a *Gazette de Sébastopol*. E quase todos com um rosto oriental no qual não se decifravam nem tédio, nem impaciência, nem tristeza, nada além de uma fadiga imensa.

Perto do Serviço de imprensa, na entrada de uma galeria, paramos em frente a uma loja na qual se lia numa bandeirola *Polack's oriental Stores. Salão de moda. Várias opções de objetos de luxo importados da Rússia*. Estava fechando. Deslizamos sob a cortina de ferro, abaixada até a metade. Atrás de um balcão, Polack e seus filhos, os cabelos crespos, os olhos injetados, procediam ao inventário à luz de uma lâmpada de petróleo. Um verificava os adiantamentos feitos no dia sobre a prataria, os quadros, as rendas, os tapetes, a roupa de baixo, os vestidos de festa, pobres trapos rosa e desbotados, pendendo nas sombras. Ao fundo, haviam pendurado as peles, imagem de uma volta gigantesca da caça e do destino: arminhos amarelados, zibelinas surradas e opacas e principalmente aquelas pelicas masculinas para trenós de um peso e de um aspecto de que o Ocidente não faz ideia.

Anna acabou por conseguir que lhe devolvessem sua pelica de lontra. Não haviam descosido o forro e os títulos continuavam lá.

Seus olhos umedeceram-se.

-Gostaria de agradecer, e, no entanto, não me consolo de dever a você este favor.

- Tenha confiança, Anna. Se você for a Paris, meus amigos vão ajudar. E você vai ver a minha mulher, - acrescentei, sorrindo; - vocês duas vão falar de mim, como nos romances russos.

- Vou a Paris sozinha, disse Anna. Vai ser uma ,última alegria. Porqueentenda,- e ela indicava além do Chifre de ouro, além do Bósforo e do mar, o caminho que tinha seguido para vir - nunca mais vou voltar para lá. Nunca mais vou ver o meu país. Mesmo que pudesse, eu não voltaria, já que nada pode subsistir da minha vida de outros tempos. Sou jovem, mas não mais tão jovem, e sei o peso das minhas palavras. Já que você está partindo para o Oriente e que você é meu amigo, posso confessar que aqui, na frente da sua casa, é um adeus que estou dizendo. Em Paris, vou ficar no Hôtel du quai Voltaire, porque o Louvre é bem majestoso à noitinha pelas cinco horas, no fim do outono; vou resolver uns negócios de família, ver a igreja da rue Pierre-le-Grand onde fui batizada. Na segunda semana depois da minha chegada, já vou estar quase sem recursos. Quando essa hora chegar, pretendo me enforcar e terminar com estas tristezas que eu já conheço muito bem. Espero que você pense em mim como eu penso em você.

Ela se despediu com ternura e foi só por um instante uma mancha mais sombria do que a noite.



# Fragmento

\*

## LAFCADIO HEARN

título original:  
FRAGMENT

tradução:  
CÉSAR GANIMI MACHADO

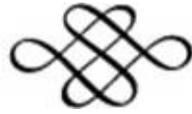
Patrick Lafcadio Hearn nasceu em 1850, em Leucádia (daí seu nome do meio), uma pequena ilha grega pertencente às Ilhas Jônicas. Aos 19 anos, emigrou para os Estados Unidos e lá trabalhou como jornalista, desenvolvendo importantes estudos sobre a cultura de New Orleans. Enviado como correspondente de jornal, é no Japão onde Hearn encontra seus grandes momentos de inspiração literária — período em que trava conhecimento com o *Kaidan*, um gênero popular de histórias de fantasmas japoneses — e escreve alguns de seus mais notáveis trabalhos: *Glimpses of Unfamiliar Japan* (1894), ensaios sobre os costumes japoneses; *In Ghostly Japan* (1899), conjunto de histórias de terror, cujo conto introdutório, *Fragment*, se encontra aqui traduzido; e *Kwaidan: Stories and Studies of Strange Things* (1903), contos e traduções de antigos textos japoneses, obra adaptada para o cinema em 1964. Lafcadio Hearn faleceu em 1904, aos 54 anos.

**César Ganimi** é designer gráfico e bibliófilo.

E-mail: [cesarganimi@gmail.com](mailto:cesarganimi@gmail.com)

# Fragmento

## Lafcadio Hearn



E foi na hora do pôr-do-sol que chegaram ao sopé da montanha. Não havia nenhum sinal de vida naquele lugar, — tampouco indício de água, nem vestígio de planta, nem a sombra de um pássaro esvoaçante. Apenas ruínas sobre ruínas. E o cume se apagava no céu.

Então Bodisatva disse a seu jovem companheiro:

- O que você pediu para ver lhe será mostrado. Contudo, o lugar da Visão é distante; e o caminho é árduo. Siga-me, e não tema: você terá força.

A escuridão do crepúsculo se abateu sobre eles durante a escalada. Não havia trajeto, nem mesmo pegadas indicando que algum humano havia por ali passado; e o caminho se estendia sobre um infinito amontoado de fragmentos confusos que ora rolavam, ora escorregavam debaixo dos pés. Às vezes a massa deslocada retinia montanha abaixo emitindo ecos de profundidade. Às vezes o material pisoteado se despedaçava como uma casca de ovo... Estrelas davam sinal e cintilavam; — e a escuridão se agravava.

- Não tema, meu filho, - disse o Bodisatva, guiando: - não há perigo, embora o caminho seja severo.

Sob as estrelas escalaram, — depressa, depressa, — subindo com a ajuda de um poder sobre-humano. Por zonas elevadas de neblina passaram; e avistaram sobre eles, se expandindo conforme escalavam, uma insondável enxurrada de névoa, como a maré de um mar leitoso.

Por horas e horas escalaram; — e formas invisíveis sucumbiam aos seus passos, em sutis estalos; — e lânguidas chamas geladas acendiam e se apagavam a cada ruptura.

E uma vez o jovem peregrino tocou em algo polido, que não era pedra, — e levantou, — e viu vagamente o escárnio sem rosto da morte.

- Não hesite assim, meu filho! - incitava a voz do sábio; - o cume que devemos alcançar é assaz distante!

Através da escuridão escalaram, — e continuaram a sentir os estranhos e sutis estalos sob os pés, — e viram as chamas geladas se moverem e se apagarem, — até que a margem da noite se acinzentou, e as estrelas começaram a cair, e o leste começou a aparecer.

Ainda assim eles escalaram, — depressa, depressa, — subindo com a ajuda de um poder sobre-humano. Sobre eles agora pesava a frigidez da morte, — e um silêncio tremendo... Um lume dourado brilhava ao leste.

Então, pela primeira vez, o peregrino fitou o precipício, que revelava sua nudez; — e um calafrio o invadiu, — e um medo terrível. Pois ali não havia nenhum solo, —

nem abaixo, nem ao redor, nem acima dele, — apenas uma pilha, monstruosa e infinita, de caveiras e fragmentos de esqueletos e restos de ossos, — e um vislumbre de dentes soltos espalhados através dos montes, como destroços de um naufrágio boiando em uma maré.

- Não tema, meu filho! - clamava a voz de Bodisatva; - somente os fortes de coração conseguem conquistar o lugar da Visão!

Por trás deles, o mundo havia sumido. Nada sobrou, a não ser as nuvens abaixo, o céu acima, e a pilha de esqueletos no meio, — se elevando até se perder de vista.

Então o sol se elevou junto aos escaladores; contudo sua luz não emanava calor, mas uma frieza afiada como uma espada. E o pavor da altura assombrosa, e o pesadelo de profundidade abismal, e o terror do silêncio, sempre crescendo e crescendo, pesando sobre o peregrino, prendendo seus pés; e de súbito a força saiu de si, e ele gemeu como um adormecido tendo pesadelos.

- Apresse-se, apresse-se, meu filho! - clamava o Bodisatva: - o dia é breve, e o cume é assaz distante.

Mas o peregrino gritou:

- Eu temo! Temo indescritivelmente! — e a força dissipou-se de mim!

- A força retornará, meu filho, - respondeu o Bodisatva... - Agora olhe para baixo, para cima e ao redor de si, e me diga o que vê.

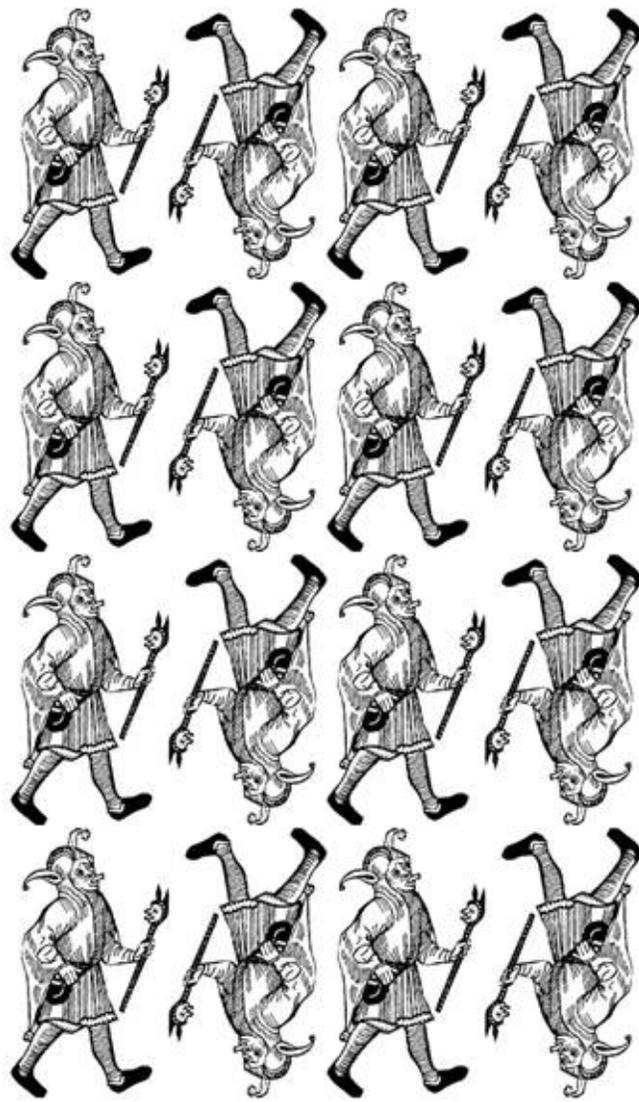
- Não consigo, - lamentava o peregrino, trêmulo e relutante; - Não me atrevo a olhar para baixo! À minha frente e ao meu redor não há nada senão caveiras humanas.

- No entanto, meu filho, - disse o Bodisatva, esboçando um sorriso, - No entanto você não sabe do que essa montanha é feita.

O outro, tremendo, repetiu:

- Temo! Um temor inefável!... não há nada além de caveiras humanas!

- É de fato uma montanha de caveiras, - respondeu o Bodisatva. - Mas saiba, meu filho, que elas SÃO TODAS SUAS! Cada uma delas foi, em alguma época remota, o ninho de seus sonhos, ilusões e desejos. Nenhuma delas pertence a outro ser. Todas, — todas sem exceção, — foram suas, há bilhões de anos em suas vidas antepassadas.





[1] Alusão ao episódio de Gênesis 9:20-25: os três filhos de Noé, Jafé, Sem e Cam, flagraram seu pai dormindo nu, embriagado; e também uma comparação entre Noé e um patriarca psicanalítico, Freud, ou, no caso, Neill. (N.T.)

[2] Atualmente, Beyoğlu, distrito de Istambul, localizado na margem europeia do Bósforo, onde se situa a cidadela genovesa de Gálata e que recebeu grande contingente de ocidentais sob o Império otomano.